

SOCIEDADE DAS SCIENCIAS MEDICAS DE LISBOA
Secção de Historia da Medicina

Historia da Urologia em Portugal

ATÉ AO MEIADO DO SECULO XIX

POR

SILVA CARVALHO



1925
Ofic. da «Soc. Nacional de Tipografia»
Rua do Seculo, 49
LISBOA

Historia da Urologia em Portugal

Até ao meiado do seculo XIX

POR

Silva Carvalho

I

Os primeiros especialistas de doenças das vias urinarias. Amato Lusitano. Filipe. Diogo Dias, Afonso Dias. Curandeiros de boubas e blenorragias. Antonio Luiz e os seus escritos sobre esta especialidade

Até ao fim do seculo XV o tratamento das doenças cirurgicas estava em Portugal entregue aos mouros que representavam a menos ilustrada tradição arabe, como filhos mais ou menos espurios das escolas de Andaluza e tendo apenas como clientes a parte mais pobre da população, aos cirurgiões iletrados, a quem quasi não chegára a lição de Guido Cauliaco e aos curandeiros d'ambos os sexos, que abundavam por todo o paiz e dos quais chegaram até nós alguns nomes.

João Genovez, assim chamado por ser natural de Genova, era criado de mestre Martinho e a 7 de novembro de 1504, depois de examinado por mestre Gil, fisico e cirurgião mór do reino, obteve carta regia, autorisando-o a curar de hernias, nome pelo qual se designavam então as doenças das bolsas e a tirar pedras e a tratar de quebra-

dos e potrosos, que segundo Bluteau, são doentes de hernia intestinal.

O segundo especialista também era estrangeiro, Antonio Barroco, dizia-se natural de Curell (talvez Cures ou Corregio, na Italia) e a 27 de julho de 1526, depois de exame perante mestre Gil, teve carta permitindo-lhe curar quebraduras e tirar pedras, lobinhos e lupas.

Nos seculos dezaseis e dezasete havia em Portugal muitas mulheres que com tisanas, unturas e suadouros, se empregavam em curar manifestações sifiliticas. Algumas de maior notoriedade ou atrevimento chegaram a ter diploma da sua profissão. As que seguem além da sífilis, tratavam também de doenças da uretra e rins.

Em 1542 foi auctorisada Margarida Dias, moradora em Setubal a curar de males de boubas e chagas velhas.

A 14 de junho de 1549 Juliana de Llam teve licença para curar de boubas, chagas e corrimentos.

Caterina Roiz, moradora em Lisboa teve em 24 de julho de 1549 carta para curar além de chagas d'alporcas e almorreimas, males de boubas e corrimentos delas.

Antonia Roballa residia em Lisboa e a 20 de agosto de 1551 teve carta para curar «destes malles de boubas e corrimentos e chagas delles».

Maria Nunes de Azevedo teve licença em 29 de outubro de 1609 para tratar, além d'outras doenças, da retenção de urinas.

Apolonia Escota Botelha, filha de medico e residente na Ilha Terceira, por carta de 12 de janeiro de 1615 foi auctorisada a tratar de varias doenças, entre as quaes «pai-xois de rins».

Isabel Gonçalves, que estivera muito tempo no Hospital de Santiago de Compostela e residia na vila de Redondo, obteve em

11 de setembro de 1609 licença para tratar de mal de boubas, de corrimentos frios e d'outras enfermidades.

Fernão Ribeiro, natural de Madrid, teve a 13 de novembro de 1590 licença para curar *noli me tangere*, cancos, alporcas, lobinhos, boubas e corrimentos. (1)

João Roiz de Castelo Branco, Amato Lusitano e Antonio Luiz são os dois maiores médicos portugueses do século XVI e teem um lugar primacial na historia da urologia em Portugal. O primeiro occupou-se muito das doenças do aparelho urinario, como se pode vêr nas suas *Centurias*, onde se encontram as seguintes observações.

Hypospadias (Cent. 1.^a, cur. 23), Nephrite (2) e arcias (Cent. 1.^a, cur. 24), Calculo uretral determinando a supressão d'urina, extirpado por uretrotomia externa (Cent. 1.^a, cur. 42), nephrite e rheumatismo curados pela terebentina (Cent. 1.^a, cur. 63), incontinencia d'urina por queda com contusão da columna vertebral (Cent. 2.^a, cur. 11), hermaphroditismo (Cent. 2.^a, cur. 39), cistite e orchite com abcesso e fistulas urina-rias (Cent. 2.^a, cur. 61), hermaturia critica n'uma febre (Cent. 2.^a, cur. 93), febre maligna com gonorréa (Cent. 3.^a, cur. 61), supressão d'urina (Cent. 4.^a, cur. 10), apertos d'uretra (Cent. 4.^a, cur. 19) a que adiante nos referiremos, expulsão d'uma vela de cê-ra que servira n'um cateterismo e caíra para a bexiga, donde passados alguns dias foi

(1) *Noticia sobre alguns medicos portugueses* por Sousa Viterbo e *Medicos e Curandeiros* do auctor, na edição em preparação.

(2) Sempre ou quasi sempre que Amato emprega o termo *Nephrites*, quer designar um estado inflammatorio e doloroso que em geral corresponde a uma cistite purulenta ou a nephrite calculosa.

expulsa por uma fistula urinaria (Cent. 4.^a, cur. 20), nephrite n'uma mulher (Cent. 4.^a, cur. 59), fimosis, gonorréa e syphilis (Cent. 4.^a, cur. 69), fimosis com adherencia e respectiva operação (Cent. 5.^a, cur. 17), apertões d'uretra curados (Cent. 5.^a, cur. 48), ulceras nos rins e bexiga (Cent. 5.^a, cur. 100), retenção d'urina n'uma creança de seis mezes (Cent. 6.^a, cur. 12), Cistite n'uma rapariga ao emitir urina jumentosa com deposito esbranquiçado, curada com injeções vesicaes (Cent. 6.^a, cur. 58), expulsão d'um calculo urinario do tamanho d'uma azeitona (Cent. 6.^a, cur. 59), abcesso do perineo (Cent. 6.^a, cur. 81), calculo urinario n'uma creança de dez annos, que durante alguns dias obstruiu a uretra (Cent. 6.^a, cur. 91), disuria, a proposito da qual traz uma longa lista de remedios recomendados para uso interno e externo em taes casos (Cent. 6.^a, cur. 92), cistite curada pelas aguas salgadas e nitrosas de Tufla (Cent. 6.^a, cur. 94) e calculos urinarios que desapareceram pelo uso das avelãs nas refeições (Cent. 6.^a, cur. 78 e 92).

Amato não tinha repulsão pela cirurgia, não só insistia nas intervenções cirurgicas quando as julgava necessarias, mas tambem as realisava muitas vezes, especialmente nos casos de doenças das vias urinarias. Praticava com muita frequencia as injeções na bexiga e os cateterismos uretrais.

São estas as principaes passagens do escrito d'Amato, em que pretende reivindicar a prioridade do tratamento que Laguna attribuiu ao cirurgião portuguez Filipe:

«Videor mihi operprecium factururus, si cum omnium vtilitatis, tum etiam aestimationes nostrae ratione habita, quid de hac curandi ratione & vnde originem habuerit, quam breuissime explicuero. Lacuna enim vir medius-fidius

suavissimus, & magni in arte medica nominis, libellum abhinc triennio Romæ edidit, in quo diuinas pene laudes huic extirpandæ carunculae inuendo tribuit, & illius authorem Philippum hominem mihi notissimum facit, & vt est singulari quodam erga amicos candore, rationem curationis ab eodem Philippo traditam, nudio pene verbis, & sicut ab eo ac ceperat, tradit, nolens quantum ago existimo, alieno in opere ingeniosus haberit: quare & nonnulla in eadem curatione perpendeda & temperanda mihi sentio, & illud fugitivii inuentem ad me quasi postliminio receersum, mihi acribendum; sed hoc posterius primum ergo à me perpendedum, & temperandum in hoc caruncularum curatione est, quod extirpatis ac excisis, vt medico videtur, carunculae, tempore sex vel octo dierum, illico nullo intermedio tempore, ad iniectionem collyrii abstersoni peruenit...

.....

«Quod vero ad inuentum attinet vellem sane & Philippus ipse, quem nunc Damasci agere intelligo, adesse, profiteretur enim ingenue per quos proficisset: est enim homo neque malus, neque ingratus. Is Vlissiponi, eo fere anno quo Tunetum urbs clarissima, Cæsasis auspiciis subiecta est, eum ad me officii causa uenisset (est enim ut nemo non nouit) chirurgus reru magis experientia, quam autorum lectione insignis memini: eum mihi diceret, uenire in eam urbem é regione proximan, uirum quendam satis diuitem, qui urine stillicidio, & est sibi indebatur calculo etiam laborabat: precatu itaque me est, enixissime est hominem adirem. Ego uero partim amici presibus, partim etiam compendiolo adductus ægrotantem inuiso, adolescentum annos natum viginti quinque qui in Africa & India, multa etipendia fuerat, is ut milites intemperantes maiori ex parte esse solent, ex promiscua uenire in morbum quem Gallicum uocant, inciderat, cui malo

seminis etiam proflueium acceſſerat, quo bien-
nium integrum laborauerat: erat, tamen robuſ-
ta quadam & militari plane temperie, unde
mibi ſuſpicio inceſſit, cum calculo non labora-
re malus enim ille & carnifex morbus, & uires
attenuat, & pallorem inducit, & quoddam quaſi
uitæ tœdium ſecum affert, imo longe alia ſym-
ptomata præ ſe fert, per que ab altero dicer-
nitur. Ratus itaque id quod erat, apii thyſo,
& aliis ut dixi, porus amygdalino oleo intine-
tis, per urinarium meatum immiſcis, facile
illum carunculis laborare deprehendo, conti-
nuoq: ab ea remedia quibus ipſe Philippus poſtea
Romæ uſus, magnam ſibi authoritatem,
cum maximo quæſtu, comparauit, deſcendo,
breuiq: adoleſcentem priſtinæ valitudini reſti-
tuo. Non eſt mihi eni animus Phillipū ingrati
animi accuſare, neque enim ille hoc inficiatur:
hoc tamen unum dolet, quod eum apud uiros
in re medica illuſtres, tum apud Lacunam, alte-
rum Hiſpaniæ Galenum, totum hoc curandi
inuentum, ſibi adſcripſerit: impudenter me
hercule, & eſt ingenuè loquar, ingratè: aſſuere
enim curationi noſtæ viri me hercule doctiſ-
ſimi, & magna apud ſuos authoritatis, Ludoui-
cus Munius Coimbreſis, Georgius Henricus
Vliſſiponenſis, medici & philoſophi nobiliſſi-
mi, Manuel Lindus, aſtrorum cognitione floren-
tiſſimus. Et ne ego in idem cum Philippo vi-
tium incidiſſe uidear, fateor Salmanticæ eum
agerem, ab Aldereto medico clariffimo, & præ-
ceptore meo doctiſſimo, id curandi genus acce-
pieſe: ſicut alia per multa, qua me hercule eſt
magna, ita apud me maximo in precio & ſunt,
& habentur.»

Afirma Amato que eſta operação e a des-
truicção dos apertos uretraes pelos causticos
fortes, tinha-lhe ſido ensinada em Salaman-
ca pelo ſeu mestre Alderete. Mas aqui levan-
ta-se uma difficuldade. Maximiano Lemos,
lembrando que foi em 1529 que os mestres

da cirurgia de Amato, Pontano e Olivares lhe confiaram duas enfermarias de cirurgia nos hospitaes de Santa Cruz e Santa Maria, é d'opinião que foi n'este anno que elle terminou o seu curso e voltou a Portugal. Ora Lourenço de Alderete doutorou-se em medicina em Ferrara a 14 de maio do mesmo anno e só a 27 de outubro de 1533 foi nomeado catedratico do cursatorio de Articela e só dez annos depois se encorporou como doutor na universidade (1). Portanto durante o seu curso Amato não recebeu lições de Alderete e só poderia tel-o conhecido e visto praticar o cateterismo, se tivesse voltado a Salamanca depois de 1533 e antes da epocha, em que elle Amato afirma ter usado d'esta pratica em Lisboa, mas isso tambem é impossivel, visto que Amato saiu de Portugal em 1534, isto é, mezes depois de Alderete (1) ter começado a ensinar.

Era naturalissimo que se Laguna já estivesse exercendo clinica em Salamanca e fazendo os cateterismos uretraes, quando ali estudava Amato, Luiz Nunes e os outros condiscipulos portuguezes tivessem conhecido o novo processo de tratamento que naturalmente se apressariam a pôr em pratica ao voltar á patria. Além d'isso João de Aguilera era tambem dos seus contemporaneos em Salamanca e se ali tivesse conhecimento da novidade levada por Alderete, não poderia muito mais tarde, em Roma, assistir e tomar parte nas confidencias que a elle e a Laguna fazia o cirurgião Felipe expôndor o seu invento, sem se referir ao que já vira fazer em Hespanha.

E' de estranhar que tratando-se d'um me-

(1) *Historia de la Universidad de Salamanca*, t. II, pag. 321.

todo novo, Amato não só o não empregasse em larga escala durante a sua estada em Portugal e no estrangeiro nos annos que decorreram até 1551, mas tambem não fizesse d'essas observações assumpto dos primeiros capitulos da sua *Centuria* 1.^a (1551). Ora em vez d'isto Amato só vem falar do novo invento na *Centuria* 4.^a (1556).

Os que defendem a prioridade d'este tratamento a favor de Amato, empregam o argumento de que a verdade das afirmações d'este se conclue do facto de Felipe que ao tempo da publicação das *Centurias* estar em Damasco, não protestar contra ellas reivindicando essa prioridade para si. Mas em primeiro logar quem sabe quando o livro d'Amato teria chegado a Damasco e em segundo logar, Felipe que era de tão fracas letras e tão pouco dado a escrever, que para celebrar os seus feitos, deixou a Laguna o publical-os, como havia de vir á imprensa disputar?

Portanto o que julgo provavel é, que Amato sabendo da nova pratica usada por Alderete, talvez pela tradição dos portuguezes que, voltaram de Salamanca em 1533, ensaiasse o processo em Lisboa no anno seguinte na presença de Felipe, que saindo para fóra do paiz o empregou largamente e com tal successo que conseguiu adquirir a clinica egregia que lhe deu nome e fortuna.

Foi n'um homem de 25 annos que tinha andado pela India e Africa, que Amato diz ter empregado o processo das velinhas na presença do cirurgião Felipe Velez, que assim o aprendeu. Cita como testemunhas dois medicos, Luiz Nunes e Jorge Henriques e o famoso astrónomo Manoel Lindo. Diz o prof. Maximiano Lemos que foi isto em 1534, o ultimo anno em que Amato passou em Portugal. Sprengel, por este escrever que foi no anno em que o Imperador declarou

guerra a Tunis, diz que o caso se passou em 1544 (1), mas isto é evidentemente falso, visto que em 1537 já Amato se encontrava em Antuerpia.

Amato discorda da pratica de Felipe em varios pontos, assim reprova algumas das injeções preconisadas por este.

Quanto ao Alexandre Grego a que se refere Madeira Arraes não poderia ser senão Alexandre, cognominado Philalethe, que ensinava medicina no anno 41 da era vulgar e cujas obras se perderam. Houve outros Alexandres celebres, mas não eram da Grecia, Alexandre d'Aplirodisea, Alexandre Traliano e Alexandre Benedictus e é d'este que se trata. Nasceu em Legnano, ao pé de Verona, professou anatomia em Padua desde 1493, publicou muitas obras e foi celebre pelos seus conhecimentos e pela influencia que teve nos seus contemporaneos medicos, que lhe devem as primeiras noções de physio-

(1) Duarte Madeira Arraes, diz que Alderete aprendeu o novo processo com o medico Ferreo, mas isto não é verdade porque Affonso Ferri, tambem designado por Ferrus ou Ferrus, publicou o seu opusculo em 1552 em Roma. Intitula-se *De sclopetorum sive archibusorum vulneribus libri tres: corollarium de sclopeti ac similium tormentorum pulvere; de caruncula sive calloque cervici vesicæ innoscitur opusculum*. In 4.º Existe outra edição de Roma em 1554. Este auctor foi cirurgião muito afamado, ensinando em Napoles e em Roma. Seria com elle que aprendeu Alderete?

De resto a expedição ordenada por Carlos contra Barba Roxa e a colocação de Tunis sob a soberania de Hespanha, foi preparada n'este paiz, em Italia e em Portugal em 1534 e levada a cabo no anno seguinte.

logia, além das lições de patologia e terapêutica que se encontram nos seus escritos. Procurando nellas o que poderia justificar a afirmação de Madeira Arraes, que deve ser a repetição do que por outros viu escrito, encontrei no capítulo que trata das doenças dos órgãos genitales *Quæ ulcera sanant genitalium, & pruritus tollunt ex Paulo*, cap. XXIX do L. XXV(o seguinte:

«Si vero interioris penis exulceratur, quando pus sine urina distillat, tum mulso aqua diluto colluitur, mox lacte, deinde lacti admiscunt alteris collyrium, aut album trochiscum, aut diatarium in pyxide plumbea servatum, pennaq; intincta inungitur, & subinde tenuem stripton furamentum inunctum injicimus.»

Juan Calvo na sua *Cirurgia Universal* escreveu:

«el primer inventor desta cura fué vn Cirujano de la Camara del Invictissimo Carlos Quinto, Emperador, y Rey de España, que se dezia Maesse Felipe: Este padecia en grande manera supresion de orina, y como el rebolviesse en sí vna, y muchas vezes, que la dicha supresion no podia venir de arenas, piedra, fabulos, ni materia detenida en la via de la orina, por las grandes pruebas, y experiencias que el en sí avia hecho, pensó que devia de ser otro cosa, y halló con su buen juicio, y grande experiencia que tenia en el arte de Cirugia, que devia de ser alguna carnosidad ó callosidad, lo que le causa aquel impedimento: y constreñido de la necesidad de curare, inventó vn remedio, ó caustico, con el qual poco á poco la fuesse consumiendo...»

Conta-se que mestre Felipe entrou ao serviço do Imperador a 7 de fevereiro de 1528.

O escrito de Laguna que deu lugar a esta

polemica intitula-se na edição que compulsei:

Methodus Cognoscendi, Extirpandique Excrescentes in vesicæ collo carunculas, Auctore Andrea Lacuna Segouienti, Medico Iulii tertiæ Pont. Max. Compluti, Ex Officina Ioannis Brocarii. 1555. A dedicatória é datada de Roma Kalendas d'abril de 1551. (1)

Conta ter sabido o que refere no seu opusculo, de Felipe Lusitano «homine quidum Empirico, sed primo illius inuētore (neq; enim quasquã suo est honore fraudādus), a respeito do qual escreve:

«quam velute 'mysterium quoddã celabat ceteros, mihi etiam communem fieri, nec non Onatissimo viro D. Joanni Aquilero, Medico Pontificio, qui nobis perscøpe astitit.»

Entre os curados por este processo cita o almirante napolitano D. Fernando de Cardona e D. Luiz Caravaiallum (Carvalho?).

(1) Ha grande discordancia nos diferentes auctores sobre as edições d'esta obra, que seriam as seguintes, se n'elles não ha erro:

Veneza, 1543 (segundo o sr. dr. Garcia del Real na sua *Historia de la Medecina en España*, onde attribue ao opusculo o seguinte titulo — *Methodus cognoscendi extirpandique nascentes in vesicæ collo carunculas*).

Roma, 1551 (Sprangel, *Biographie Médicale*, dr. Garcia del Real e outros).

Alcala, 1555 (*Biographie Médicale*, sr. dr. Garcia del Real e outros). Foi esta edição que consultámos, é in 12.º e não in 8.º, como se diz na *Biographie Médicale*).

Lisboa, 1560. In 8.º (*Biographie Médicale*).

Suponho que não existiu a edição de Veneza em 1543, nem a de Lisboa de 1560.

O opusculo de Laguna é em latim até á pag. 30, mas d'ahi em diante ha um aditamento em espanhol, impresso em letra d'outro typo e d'outro corpo, em que o auctor tendo reconhecido que a primitiva exposição do processo de Felipe não saia exacta, melhor informado descreve-o novamente, como vamos expôr.

O doente começa por xaropar-se e purgar-se e guardando-se do coito, que é muito prejudicial á cura. A seguir ordenava Felipe umas fomentações com o seguinte preparado:

R. Malvas com raiz, branca ursina, raiz de malvaisco — aã duas mãos cheias, raiz d'aipo e de perexil e gilvavero e espargos — aã uma mãocheia, semente de linho, de malvas, fenugreco — aã duas onças. Cosa até que o fenugreco e o linho fiquem descascados. Ponha a mistura quente n'uma bacia colocada debaixo do doente, para que elle tome aquelle fumo, isto durante meia hora de manhã, para embrandecer a carnosidade.

Depois porá o doente debaixo dos testiculos um emplastro assim preparado:

Toma-se unto de galinha, de pato e de ganso e manteiga de vaca fresca e sem sal — aã trez onças; mucilagem de raizes de malvaisco, semente de linho, de lirio e de malvas e da semente de malvaisco — aã seis onças; cose-se tudo até consumir as viscosidades, junta-se cêra branca q. s. Serve este unguento para continuar a embrandecer as carnosidades.

Depois toma-se um talo de salsa e adelgaça-se até poder entrar na uretra, untado com oleo d'amendoas doces. Repete-se esta operação dois ou trez dias. Em seguida passa-se a usar de velas de cêra branca, feitas com um pouco de terebentina, para que não se quebrem ou fendam, untadas com o mesmo

oleo e tenta-se ir cada dia mais longe no cateterismo, até que entre um palmo, o que em geral se consegue em dez dias.

Feito isto de manhã, dobra-se a parte da vela que ficou de fóra e fixa-se com uma atadura e o doente conserva-a todo o dia, para o que fica sentado. Urinará com a vela metida e só a tirará de noite cinco ou seis horas para dormir, tornando a ser introduzida na manhã seguinte. Se a vela sair fóra da uretra, o doente terá de introduzi-la novamente, para que o alargamento obtido se não perca.

Na vela vem as depressões correspondentes aos apertos e n'estas se colocará o caustico preparado da seguinte maneira:

Tome-se verdete e oropimenta citrino e vedriol romano (pedra hume), em partes eguaes, reduza-se a pó fino no mez de maio ou junho, coloque-se o pó nas pedras em que os pintores moem as tintas, humedecendo-o com vinagre branco forte, moa-se durante uma hora e seque-se ao sol, operação que se repete dez vezes e guarda-se no lugar sêco. Querendo preparar o caustico, toma-se oleo rosado — sete onças, pó de litargirio — quatro onças, leva-se ao lume a tomar ponto bem duro, tira-se então e quando arrefecer, mistura-se o pó preparado na dose de quatro onças, leva-se novamente a fogo brando, misturando sempre com espátula até adquirir ponto duro. Quando tiver de servir abrande-se ao fogo e coloca-se nas depressões da vela, á qual fica pegado. Unta-se a vela com o oleo d'amendoas doces e introduz-se. Dura este tratamento treze dias, saindo muita purgação. Muda-se a vela duas vezes por dia e o doente urina sem a tirar. Realizada a cura, pode meter-se e tirar-se a vela com facilidade. Quando isto se não pode conseguir com as velas de cera, empregam-se as de chumbo.

Diz Laguna n'este ponto:

«Y ha se de advertir que allende que maestro Phelipe era muy bue currujano passara las carnosidades cõ muy grã tiento por no romper algo que fuesse causa de algu fluxo de sangue que se mueren conella.»

Depois d'este tratamento o cirurgião portuguez fazia injeccões na bexiga com um cosimento de cevada, cauda equina, centaurea menor, alcaçuz e mel rosado. Estas injeccões eram dadas trez vezes de manhã e outras tantas de tarde.

Depois faziam-se lavagens uretraes com agua de caracoes, das canas de favas, de favas, de raiz de malvaisco, assucar branco, repetindo-se estas injeccões até desaparecer o ardor no acto d'ourinar. Mas ao mesmo tempo continua-se a fazer o cateterismo que se vae espaçando pouco a pouco até se suprimir de todo «Dezia maestro Phelipe que seria bien de mes a mes, o de tiempo a tiempo poner y sacar la cãdela para limpiar el caño por si se ouiere puesto alguna cosilla en lo cicatrizado, aunque dezia que se auia de mirar mucho, que el cirujano sepa lo que haze porque no le desollasse alguna cosa.. »

Quanto ao regimento devia o doente privar-se do coito trez ou quatro mezes ou mais, não andar na posta, não beber vinho ou só vinho doce, purgar-se com cassia ou maná e usar da injeccão atraz indicada. Quando durante o tratamento aparecia febre, suspendia-se este e se houvesse hemorragia o remedio era tomar agua de tanchagem e de rosas, com clara d'ovó e usar externamente sobre o membro o emplastro feito com suco ou agua de tanchagem, agua de rosas — aã quatro onças, vinagre rosado — duas onças, claras d'ovo — duas, pó Armenico, sangue de Drago, coral de rosas e

mirtilos, casca de marmelo, terra esphragitidos — aã duas grãmas.

O prof. Maximiano Lemos, que não conseguiu vêr o opusculo de Laguna, adoptou esta versão de Calvo.

Laguna não se refere ao boticario italiano, mas unicamente ao portuguez a quem chama Diogo (Didacus) Dias, que trabalhava no hospital com Felipe e que o ficou substituindo quando este foi para a Palestina (1). Utilizando o que aprendeu com o cirurgião portuguez, creou nome e ganhou fortuna e tendo-se-lhe hospedado em casa Ginesius Fontanus e Pedro de Toledo, que Laguna trata por illustrissimo e excellentissimo e considera cirurgião perfectissimo (absolutissimus), este exercitou-se na nova pratica, que depois empregou larga e proficientemente na sua patria.

Conta Calvo que Felipe tinha um ajudante, que era um boticario romano, que com elle aprendeu a maneira de fazer o caustico e de aplical-o e por isso poudé substituir Felipe n'aquella especialidade clinica, quando este se retirou de Roma, e que este boticario communicou a sua sciencia a um colega portuguez Afonso Dias que, logo que esteve de posse do segredo, veiu a Valladolid onde estava a côrte, ali clinicou por forma a ganhar grande credito e muita fazenda, conseguindo até que o reino de Cas-

(1) Laguna narra estes factos em abril de 1551, para que Dias succedesse a Filipe e fizesse extensa e rendosa applicação do seu método, eram precisos largos meses e como Amato só chegase a Roma no segundo semestre d'este anno já ali não podia encontrar Filipe, como refere o prof. Maximiano Lemos.

tela lhe desse um partido para que não se ausentasse. Diz que todos lhe chamavam o Doutor romano e que mais tarde passou a Aragão e Valencia onde ensinou a muitos o tratamento novo.

Em 1553 as côrtes espanholas fizeram com o dr. Romano um contracto em que este se obrigava a visitar as cidades que tinham voto em côrtes, curar os pobres e ensinar a sua arte aos medicos e cirurgiões que o pedissem. Trez annos depois foram-lhe arbitrados por os seus serviços cem mil maravedis por anno, quantia elevadissima para esta epocha. A 27 de maio de 1563 Affonso Dias representou pedindo que se lhe continuasse a pagar da mesma maneira, mas que o não obrigassem senão a visitar parte certa do territorio espanhol e com prévio aviso.

Em 1566 as côrtes espanholas ordenaram que o dr. Romano fosse a Cordova e Jaen curar enfermos da sua especialidade e ensinar a fazel-o os medicos d'aquelas localidades. (1)

Este cirurgião era judeu, irmão do dr. Manoel da Costa que foi lente em Coimbra e de Henrique Dias, alfaiate que serviu o rei D. Filipe II de Castela. Estava em Madrid em 1567 e ali morreu n'essa data. Estas informações sobre o celebre cirurgião são absolutamente inéditas e a ellas me referirei mais largamente n'outra publicação.

Vejamos agora o que se encontra na obra de Antonio Luiz, o grande humanista e medico afamado. Nos manuscritos que deixou achei o seguinte:

De urinis libellus doctissimus galeno

(1) *Clínica Egregia*, por L. Comenge.

Ascriptus nunc primu ab Antonii Ludovico latinitate donatus in quo transferēdo quātus deliquerit interpretes, facile deprehendet diligens lector.

Galenī de dignotione et curatione aggritudinū renu libellus doctissimus Nuc primū ab Antonio Iodovico medico vlisipponēsi summa cu fide ex greco in latinu semonu cōverso & scholiis.

Castigationes in libellum de vrinis Interprete, iosepho asfrutio poleno. Dedicado a mestrē Jacob, archiatra regio.

Castigações Antonii Iodovici Medici vlisipponensis in libellum de renu affector dignotioe q curatioe a qº dam cristophoro hail translato.

Estas quatro traduções e comentarios são muito valiosos e interessantes, alguns dos quaes mereciam ser publicados, não só para honrar a memoria do medico eximio, mas tambem para enriquecermos o nosso pobre tesouro de medicina classica.

Consulta sobre a supressão da urina n'um fidalgo, Dionisio de Almeida, a quem se fez o cateterismo para verificar que a uretra e a saída da bexiga não estavam impedidas por pedra ou outro corpo estranho nem por aperto uretral. Este escrito é muito importante por demonstrar que no meiado do seculo XVI, se fazia em Lisboa a exploração da uretra e bexiga pelas velinhas.

Consulta sobre um caso de dór na bexiga e ardor na uretra e que terminou pela cura.

Consulta sobre supressão d'urina com febre.

Consulta a um fidalgo que espelia urina com filamentos e tinha grandes dores na bexiga. Aconselha que para se averiguar da causa da doença, se procure saber se há calculos na bexiga fazendo o toque rectal e o cateterismo com velinha de cera.

Consulta sobre uma doença da bexiga com hematuria.

Uma das partes mais interessantes d'este valioso ms. de Antonio Luiz, é a intitulada *De curatione Caruncularis que innaseunte collo vesicæ*. São d'este escrito os seguintes fragmentos:

«Lacuna ut. post & Amato Lusitano ac firma nello qui omnes, peculiariter traetaverant huij morbi curatione inpeculiarib." tractatis sub." quos ceteri meliq id fuit Lacuna Sumperum ac suffurati sunt destri. A quodã Philippo cognomento Romano qui p." invenit talem curatio-nem tã atrocis morb.»

«Miror tri Antonium ab Altomari (1) virum alioque diligentissimi non meminisse de hoc mi-ti curandi modo a Phylippo invento, quod ei erat facile cognovisse Peragravit eteni Phylip-po eas regiones. De cognitantu hec verba sui-psit ab suo Actis nud. cap de vrina suppres e quem admodum ab caruncula aut callum re-tenta fuerit per emollientia ac relaxancia Re-medioe ac vrinæ fistulam dilatancia curanda evitet euhea non sufficerit enea fistula seu ar-gentea dimittenda erit vulgus syringa vocat.»

Sendo Antonio Luiz, contemporaneo e admirador de Amato, a parte verdadeiramente curiosa d'estes trechos, é a afirmação

(1) Refere-se a Antonio Donato d'Altomare que escreveu entre outras obras *De Sedimento in Urinis* — Napoles, 1558.

de que Felipe, por alcunha o Romano, foi o primeiro que inventou o processo de curar apertos. D'aqui se depreheende que Antonio Luiz não teve conhecimento do que Amato fez em Lisboa a este respeito.

II

Madeira Arraes, Rodrigo da Fonseca, Zacuto Lusitano, Luiz Nunes, Francisco Morato Roma e os calculos de D. João IV. Antonio Gonçalves, Thomaz Rodrigues da Veiga, Antonio Ferreira, João Curvo Semmedo, Feliciano de Almeida.

Em 1598 publicou-se em Madrid a seguinte obra de Francisco Diaz: *Tratado de todas las enfermedades de los riñones, vejiga y carnosidades de la verga y vejiga de la orina.*

Tanto em Hespanha como em Portugal foi este o repositório onde os auctores e praticos dos dois paizes foram aprender. Mas é justo dizer que a maior parte dos clinicos não se inteirou do que havia d'aproveitavel nesta compilação inegavelmente valiosa para a sua epocha.

Duarte Madeira Arraes (1) trata da blenorragia que chama *blenorrea purulenta* (a blenorrea simples é para elle a *espermatorrea*), citando uma crendice, que reprova, que con-

(1) *Methodo de conhecer e curar o morbo gallico, etc.* — Lisboa, 1642.

siste em attribuir virtude curativa aos que sofrem de esquentamento, o chegarem-se a nêgrãs. Trata das *hernias* ou orchites, e com muito desenvolvimento das *carnosidades* — *callos que nascem dentro dô cano da urina*. Conta que para fazer as sondagens se empregavam talos de malvas, de salsa e de couves, ou um junco delgado, mas de maior utilidade eram umas velhinhas que chama candeias, que se faziam com fio delgado, preto, muito forte, que se cercava a quente com uma massa feita pela seguinte receita: cêra branca — uma libra, terebentina — onça e meia, alcatira — uma onça. Tambem se faziam com o pavio de esparto, a que se dava consistencia enrolando-lhe em volta uma linha muito forte e envolvendo tudo em cera. E acrescenta que a medida d'estas velas ou candeas deve ser segundo Laguna e Amato Lusitano, um palmo e trez polegadas, medidas pela mão do enfermo e para as mulheres seis a nove.

Ensina tambem a usar para o alargamento uma corda de viola, que depois de introduzida incha pela humidade e satisfaz a indicação.

Quando estes instrumentos não bastavam para alargar os apertos, aconselha as tentas de chumbo ou de prata e em ultimo recurso as algalias ou tentas canuladas, conduzindo uma ponta cortante.

Conseguindo ultrapassar o estreitamento, conserva-se a velinha, fixando-o com uma atadura e mantendo-a todo o dia, sem a retirar nem para urinar e só algumas horas de noite.

Todos estes instrumentos serviam para levar causticos de diferente composição ao logar do aperto, para destruil-o. Havia formulas de causticos fortes e fracos.

Refere o processo de Filipe para a des-

truição dos apertos, citando as fórmulas dos diferentes causticos.

Destruido o aperto e passada a irritação maior, julga conveniente limpar a uretra com um abstersivo, injectado por seringa (Madeira Arraes reprova as injectões na blénorrhéa) e recómmenda a formula usada pelo cirurgião Filipe:

«Centaurea menor, aipo, cauda equina — aã meia mão cheia, cevada machucada com sua casca — uma onça, coza-se tudo em duas libras d'agua até se reduzir a metade, coe-se e juntem-se de mel rosado ou de mel de centaurea, duas onças.

Tambem pode servir para o mesmo fim a formula de Amato: agua de Lanfranco, simples ou temperada com agua de cevada, na proporção de trez partes d'esta para uma d'aquella. Serve para o mesmo fim o leite de mulher ou de cabra, misturado com assucar rosado.

Para a cicatrisação final aconselhava Filipe injectões com pó de seixos moidos ou d'outras pedras. Diz que Amato reprova esta pratica, por entrarem estes pós para a bexiga, onde podem fazer grave damno. Julga preferivel usar esta outra receita de Filipe: agua de tanchagem e agua rosada — aã uma libra, sôro de leite de cabra, meia libra, alvaiade — seis oitavos, pedra hume, zinco branco, spodio cristal, tudo feito em pó — aã uma oitava e meia, camfora — um escropulo, misture-se tudo e ferve-se até ficar reduzido a dez onças e cõa-se por pano muito basto.

Lembra que Amato empregou com bom resultado a seguinte formula: alvaiade, pedra hume, fezes de ouro — aã duas oitavas, faça-se cosimento em duas libras de agua de cauda equina, ou de pós de rosa, ou de tanchagem, até reduzir a metade e cõe-se por

feltro ou pano muito basto, que não passe nenhum pó, e injecte-se.

A este violentissimo tratamento costumava succeder fluxo de sangue, dôr gravissima, inflamação intensa e supressão da urina. A primeira complicação opunha Madeira Arraes, seguindo Laguna, injectões de agua rosada, agua de tanchagem e clara d'ovo, com applicações externas de catáplasmas ou de panos molhados em vinagre e agua. Contra as dôres e outros signaes de irritação aconselhava a seringa e injectões uretraes de leite de mulher ou outro, ou com oleo violado, rosado ou de golfão, ou com mucilagens de zaragatoa ou pevides de abobora, ou ainda com cosimentos de malvas, violas, pevides d'abobora ou melão. E acrescentava applicações externas de refrigerantes e de panos molhados em leite ou em agua rosada, de tanchagem ou de beldroegas, a que se podia juntar opio. Internamente louvava o Filonio Romano na dose de meia oitava ou dois grãos d'opio e o Filonio Persico contra o fluxo de sangue.

Rodrigo da Fonseca, o insigne professor de Pisa e de Padua nas suas *Consultationum Medicinalium* — Francfort, 1625 traz as seguintes observações.

Calculo dos rins—Cons. 14, Hematuria—Cons. 20, Gonorréa—Cons. 26, Fistula do meato urinario até o escroto—Cons. 59, Gonorréa galica—Cons. 64, Fistula indo até o colo da bexiga—Cons. 77, Ischuria—Cons. 87, Nephrite e calculo renal—Cons. 100. E no segundo volume. Inflamação da bexiga — Cons. 32, Gonorréa galica — Cons. 60, Nephrite — Cons. 65, Retenção urinaria — Cons. 96, Incontinencia nocturna d'urina — Cons. 97. Além d'isso deixou entre as suas obras *De calculorum remediis, qui in renibus et vesica gignunt*—Romæ, apud. Jo. An-

gelum Ruffinellum. 1586. In 4.º de 136-111 pags. E' muito interessante esta obra, illustrada com uma figura representando o aparelho urinario e os vasos que o servem, por ser uma compilação de tudo que na sua epocha se sabia sobre este assumpto, sendo sobretudo recomendavel a leitura da parte destinada á cirurgia. Fui encontrar este livro, attribuido a Pedro da Fonseca, no Catalogo ms. da Bibliotheca de Venesa.

Zacuto além de dois casos de hermaphroditas (Obs. 111 do L. II e 116 do L. III) refere no L. II varias observações suas de doenças das vias urinarias, taes como dois casos de calculo renal (Obs. 66 e 67), outro calculo negro, observado n'uma mulher, do volume d'uma avelã e pesando 69 grãos (Obs. 68), poliuria com areas (Obs. 69), um calculo de 18 onças e outro de 32 que encontrou n'uma autopsia e mostrou ao medico Antonio van der Linden (Obs. 70), um caso de tumor da bexiga, que lhe referiu em carta o medico Luiz Nunes, de Amsterdam (Obs. 71), dois casos d'ischuria (Obs. 73 e 74), calculo na uretra em dois doentes sendo o segundo do peso de 45 grãos (Obs. 75 e 76), hematuria (Obs. 78), cistite curada com um banho de leite (Obs. 79), um caso d'expulsão d'uma mosca pela urina (Obs. 110) um phagedenismo (Obs. 112), gonorréa virulenta (Obs. 127), reumatismo blenorragico (Obs. 128), um bubão venereo n'uma grávida (Obs. 139) e uma observação interessante (77) d'um homem que sofria havia oito dias d'um calculo que se encravara na uretra. Farto de sofrer, não havendo remedio na medicina para melhorar o seu mal e não querendo entregar-se á cirurgia, o doente colocou o penis tumefacto sobre uma mesa de madeira e com um mouro esmigalhou o calculo, que foi expulso em fragmentos.

Este caso que deve ser unico dá conta de

de exclamar: que calculo; que murre e que penis!

Isto é na *Praxis Medica Admiranda*; na *Praxis Historiarum* também se encontram muitos capítulos dignos de leitura, principalmente no L. II, como os que se referem aos calculos, gonorréa, colícas renaes, cistites, pyuria, hematuria e sobre varias alterações da urina.

Luiz Nunes, medico portuguez em Antuerpia deixou-nos: *Epistola ad Joannem Bevoricicinium, cujus argumentum: Caco calculosa in vesica calculum emotiens; Sanatori opinio de calculi generatione in renibus examinata, chymicorum remedium in calculosis inefficacia*. Suponho ser de 1645.

Oçamos agora o dr. Francisco Morato Roma no seu raro opusculo publicado em 1655.

Observaçam do Achaque, Que Sua Real Magestade teve em Salvaterra, de que liarou milagrosamente. Em Lingvagem, Para Que assi como todos grandes, & pequenos; tiverão o devido sentimento no manifesto perigo, tenham o gosto de ver o milagroso, & felice successo.

Andando el-rei D. João IV á caça em Salvaterra, manifestou-se a 23 de dezembro de 1654 (1) uma subita e completa supressão d'urina. Deram-lhe ajudas e purgas, fizeram-lhe sangrias e administraram-lhe hahnos geraes com cosimentos de ervas, seguidos de fomentações com oleos e unguentos, tudo ajudado com bebidas diurecticas e quintas essenciaes, não esquecendo as pedras orientaes.

«Não sentia o rei febre, nem dor que o mo-

(1) O dia e o anno vem indicado n'uma nota sua no exemplar d'esta obra que consultei o unico que vi.

lestasse, sede, nem fastio, nem falta no sono, & muito mais para admirar ver, que se não achava, nem palpava lugar em que esta urina estivesse detida, sendo a quantidade tanta: porque apalpadas as vias da urina, nellas não havia tumor, nem dor; palpados os hyppocondrios, nem tenção, nem dureza, nem havia accidente, nem symptoma, que mostrasse aver pejo nas veas, estomago, nem peito».

Fez-se junta dos medicos da camara real em numero de sete e depois de terem recorrido até aos «remedios das velhas» que o auctor não diz quaes eram, reconheceram que se tratava d'uma supressão superior e resolveram insistir nos tratamentos já feitos.

Como se passassem quatro dias e o resultado fosse nenhum, o rei comungou e recorreu-se ás preces e reliquias dos santos: Ao quinto dia já tinham os medicos decidido trazer o rei para Lisboa, quando resolveram recorrer ás pilulas de aço, (1) tão preconizadas por Mercado.

«Levantou-se S. Magestade, tomou sinco pirolas, que terião mea oitava de asso, passeou meia hora, recolheu-se, descansou, acabado isto pediu retrete, tomou orinol, lançou quantidade de huma onça de urina, com a qual sahio hum limo de fleima cousa pequena, & trazia cõsigo envolta huma pedrinha branca da figura. & ta-

(1) Preparavam-se assim:

Tomem de Emadura de aço cinco oitavas, de coral vermelho preparado quatro escropulos, rasuras de marfim, sal de losna, pós de Diarhodão Abbade, de cada cousa hum escropulo, misturem-se e com xarope persico se façam pirolas (*Medicina Lusitana, Soccorro Delphico* por Francisco da Fonseca Henriques—Amsterdam, 1731. pag. 632).

manho de humia pevide de limam pequeno.....
A urina saio clara, limpissima, sem mistura
de outro humor, sem cheiro, nem côr, que pa-
recia agoa estiliada.»

«Foi continuando a urina em tanta copia,
que naquelle dia, & noite lâçaria tres canadas,
no dia seguinte outro tâto, & no terceiro o
mesmo, cõforme a medida do vaso em que se
ajuntarão; no quarto dia tomou a natureza o
seu curso ordinario.» (1)

O rei que era um gotoso, teve tres annos
depois um ataque d'esta doença com anemia
e d'isso morreu (2) sem lhe valer um reme-
dio em que o seu medico tinha grande fé.

Era o seguinte. (3)

«O sangue de bode preparado, québra a pe-
dra nos rins, & na vesiga, & aplaca a dôr. He
remedio aprovado por todos os Autores. Fazse
& preparase na forma seguinte. Tomarã o
sangue de hum bóde novo de hum anno pouco
mais ou menos, morto no tempo que ha uvas,
& amoras de sylva maduras, degolese, tomesse o
sangue em hum vaso de barro bem cozido, po-
nha-se a cozer em agoa até coalhar, depois de
coalhado corte-se com humia faca de cana por
humia, & outra parte, para que esgote o que
tiver de agoa. Depois posto ao Sol, coberto com
hum panno ralo, em lugar que se não orvalhe,
& se seque limpo do pó, pizado, se guardará

(1) Nas pag. seguintes Morato Roma expõe
as suas ideias sobre fisiologia da nutrição e
função renal, patogenia das anurias e disu-
rias e meios de combatel-as.

(2) *Ultimas Acções delrey D. João IV. Nos-
so Senhor.* por Vicente de Guzman Soarez —
Lisboa, 1657.

(3) *Luz da Medicina Pratica Nacional e Me-
thodica, Guã de Infermeiros, Directorio de
Principiantes* — Lisboa, 1673, pag. 303.

em vaso de vidro, ou em vaso vidrado, bem tapado. Se o salgarem com huns pós de canella, ficará mais livre de corrupção, & mais suave para se tomar. Tomase huma colher de pós em vinho doce; he tão efficaz remedio, que lhe chamão Mão de Deos.»

O cirurgião Antonio Gonçalves que redigiu um *Tratado de Gonorréa* (1) define a ça — uma fraqueza que os vasos espermaticos e os testiculos recebem da má qualidade occulta e venenosa quando ha co-habitação com mulher suja do mesmo mal ou que tenha communicado com homem doente, ou com mulher que tenha purgações de meses ou chagas occultas. E' contrario ás purgas e sangrias no principio da doença e aconselha as tisanas e emolientes, reservando para o fim, quando está passado o periodo agudo da doença, o uso da terebentina.

O grande Thomaz Rodrigues da Veiga escrevia a proposito dos calculos urinaes:

«Si verò in colo vesicæ impedit, similiter elevandus est & concutiendus, infligendique pectini palma, demum immittendus est juncus, aut quod præstat candella ex subduplicata resina ad ceram ut cathether respondeat ætati. Si verò lapos in vesica ipsa manet, non est dissimulandum, sed validiori remedio, quam in lapide renum agendum est & tandem secandum est, licet sit periculosissima operatio.» (2)

Aqui se manifesta em primeiro logar que ainda no meiado do seculo XVII se usavam as algalias de junco ou as velinhas encera-

(1) Vem no fim da *Recopilacão de Cirurgia* de Antonio da Cruz — Lisboa, 1661.

(2) *Pratica Medica* — Lisboa, 1668 (Obra postuma).

das, e em segundo lugar que mesmo para os mais abalisados clinicos a operação da talha era considerada perigosissima, e portanto nunca aconselhada aos enfermos, nem tentada pelos praticos.

O nosso Antonio Ferreira (1) trata da gorréa purulenta e a respeito do tratamento nos primeiros dias dos casos agudos, reprova a sangria e as purgas e aconselha a agua de malvas com xarope violado ou de mucilagens, ás amendoadas de pevides de melão ou abobora com semente de dormideiras brancas, o leite de cabras com assucar candi e tamarindos doces, tomado em nove manhãs, cosimento de malvas, violas e dormideiras, etc. Aconselha externamente banhos ao membro com cosimentos identicos e se unte a região dos rins, reigada e verilhas com unguento rosado e sandalino, puros ou misturados com leite do peito. N'alguns casos prescreve injeções uretraes com leite de mulher, de cabra ou vaca, com assucar e colirio de Rhasis sem opio, ou com mucilagens de zaragatoa ou pevides de marmelos, ou agua de cevada ou clara d'ovo batida com agua.

Passada a maior agudeza da doença sangrava no pé e purgava, administrava terebentina e fazia injeções com cosimento de cevada, leite de mulher ferrado, agua aluminosa branda, etc.

Trata das supressões d'urina, dividindo-as em altas ou provenientes dos rins e ureteras (sic) e baixas ou tendo causa na bexiga ou na uretra. Aconselha varios remedios *intus et extra* e as sondagens com velinhas untadas com oleo d'amendoas doces.

No apenso ao seu livro estuda as diferen-

(1) *Luz verdadeira e recopilado exame de toda a cirurgia* — Lisboa, 1670.

tes formas de hematuria, contra a qual além de variadas applicações externas, aconselha o uso interno de xaropes de rosas, murtinhos, dormideiras, sumo de marmelo, agua de bel-dregas, ou tanchagem, leite de ovelha ou de burra com pós de bolo armenico, etc.

João Curvo Semmedo (1) expõe os conhecimentos fisiologicos do seu tempo sobre a formação da urina e tratando da ischuria discute as causas d'ella, aconselhando para evitar a formação dos calculos urinarios, entre outras coisas, o uso do sumo de limão, o co-simento das folhas de amoreira e «das peli-nhas que estão dentro nas avelãs», o pó de amoras de silva verdes e trazer sobre os rins a pedra Nephritica «que vem da nossa Espanha, cuja côr é verde». Para as supressões altas (que tem a sua causa nos rins) d'urina cita com louvor muitos remedios extravagantes, como a urina que se encontra na bexiga d'um cabritinho tirado do ventre da mãe, esterco recente de cavalo em vinho do Reno, os pós de Quintilio (antimonio), a applicação no baixo ventre d'uma cataplasma de cebolas pisadas, fritas em oleo de lacraus, etc. Acreditava que o sangue de bode tinha o poder de quebrar as pedras dos rins e outras superstições egualmente ridiculas. Eram da sua invenção, que conservava em segredo, umas pilulas que chamava absorventes e que dizia curarem as gonorréas.

Afirma que «bebendo muyto tempo a agua de huma fonte, que está na villa da

(1) *Polycainthea Medicinal* — Lisboa, 1695. Na *Atalaya da Vida* — Lisboa, 1720, devem ler-se os capitulos intitutados *Ardores da ourina, Areas dos rins, Pedra, Chagas da bexiga, dos rins, do membro viril, do Cano da ourina, Chagas gallâcas, esquentamentos*, etc.

Castanheyra, chamada fonte de Santa Catharina, faz deytar fóra as areyas».

Contra os esquentamentos antigos diz ser remedio soberano a *lacerta verde*, que se preparava assim:

«Deytay tres onças de bom azougue em humra garrafa de vidro deytandolhe em riba seis onças de agua forte, & em outra garrafa metey humra onça de limadura fina de cobre; deytando-lhe em riba duas onças de agua forte, & dentro de trinta horas se desfará o azougue, & a limadura, & como estas cousas estivessem desfeytas, as ajuntareis jambas em humra palangana da India, & pondo-a sobre a area, se lhe ponha por bayxo fogo, no principio brando e depois fortissimo, para que desta sorte se evapore toda a agua forte, & se gaste tambem humra boa parte dos espiritos corrosivos, & como no fundo da palangana estiver tudo bem seco, se moa muito bem a massa...»

Estes pós eram depois tratados pelo vinagre, primeiro a frio e depois a quente, decantava-se o vinagre e eram aquecidos a fogo brando, até ficarem reduzidos a uma massa verde. Tomava-se na dose de tres a quatro grãos, durando quatro dias e repetindo o tratamento dez a doze vezes.

São dignos de leitura os casos referidos por este auctor e colhidos na sua clinica, (1) sobre colica nephritica (Observação I), dór e ardôr na urina padecida tres dias em cada mez (XI), supressão alta d'urina que se curou com sangrias dos braços, pelas quaes saiu muita quantidade d'urina (XII), esquentamento gallico com febre, tosse ponta-

(1) *Observações Medicas Doutrinaes* — Lisboa, 1707.

da e dispnea (XXVII), grande dôr de pedra (XXIX), gonorréa purulenta (XXVII), colica nephritica (XLV), hematuria e syncope por excesso venereo (LXIX), dysuria (LXXV), e dôr nephritica (LXXX).

Feliciano d'Almeida, (1) cuja illustração é superior á dos seus contemporaneos portuguezes, define Gonorréa virulenta «um fluxo involuntario de espuma corrupto, á maneira de materia, com algum mau cheiro e dôr, devido ao acido viscoso ou fermento maligno, recebido de impuro coito, que entra pelos poros da glande e se mistura com os fluidos e restagnado causa viscosidade e em quanto se efervesce com o sal alcali corta as fibras glandulosas e excita ulceração nas prostatas, que são duas glandulas situadas abaixo das bexigas seminaes, junto ao meato urinario.»

Julgava que a gonorréa podia dar a sífilis e aconselhava as quatro sementes frias, semente de dormideiras, agua de malvas e de almeirão, tamavindos, sene, terebentina de Venesa e extracto de ruibarbo. Para as purgações antigas louvava a cinza de cascas de favas n'um cosimento de alfavaca de cobra.

Contra os apertos emprega o tratamento de Felipe que aprendeu com Francisco Dias, empregando as velinhas feitas com cera e pó de tutia, em que se mergulham cordas de viola de palmo e meio. Julga necessario vinte d'estas velas e tres de chumbo. Nos casos em que as velas os não podem vencer, diz que «convém, usar do instrumento a que chamam Cisorio, que he do feytio de huma algalia, porém he só aberto na ponta, & não nas ilhargas, & dentro tem huma verga de

(1) *Cirurgia Reformada* — Lisboa, 1715.

prata com huma ponta com a qual se corta a callosidade, não de repente, mas sim pouco a pouco para mais segurança».

Relativamente aos calculos urinaes diz:

«Depois de o Cirurgião ter prognosticado o perigo, & mandado Sacramentar ao enfermo, o mandára deytar em hum leyto pequeno havendo-o, ou sobre huma banca, mandando-lhe levantar os joelhos em fórma, que lhe fiquem os calcanhares junto ás nadegas; então lhe atarão humas ligaduras nos pés, que venhão ás barrigas das pernas, & ahi darão huma meya volta, & as atarão em as coxas das pernas juntamente com os pulsos, & daqui levarão as ligaduras aos hombros, & atarão ambas por detraz do pescoço. Feyta a ligadura pelo modo dito, dirão a duas pessoas robustas, & de boa força, & animo, que lhe tenham os joelhos firmes, & bem desviados hum do outro, para que fique bem patente a parte adonde se ha de obrar. Meterá então o Cirurgião o dedo mostrador da mão esquerda, ou o grande, ou ambos juntos, mólhados em oleo de amendoas doces, ou de lirio branco, ou rosado, pelo intestino recto, & com a mão dyreita comprimirá levemente acima do osso pubis, para que assim chegue a pedra para a parte esquerda do perineo, que he a distancia que ha entre os testiculos, & o intestino recto. Junto á costura do perineo, da parte esquerda, dará huma incisão com hum postemeyro, fazendo-a do tamanho que baste para tirar a pedra, a qual se tira muy facilmente com os dedos, sem haver mister instrumento (como Blancardo diz, & eu sey; por haver visto em Inglaterra, adonde frequentemente se exercita esta operação). Depois de tirada a pedra, & limpa a ferida, & lhe applicarem em cima hum chumaço molhado em *agua stiptica*, ou em o *licor stiptico de Werber*, ligando com atadura. Com este modo de cura

(diz Blancardo) está o doente são em sete, ou
oyto dias: Intra septem aut octo dias sanatus
est.»

E' a primeira vez que na cirurgia portu-
gueza se trata da operação da talha perincal
e da citação vê-se claramente que ella se não
praticava ainda em Portugal.

III

João Vigier. Moreira de Carvalho. João Lopes Corrêa. Luiz Gomes Ferreira. Manoel dos Santos. Francisco da Fonseca Henriques. Manoel Gomes de Lima e outros. Varias observações de casos clínicos.

João Vigier publicou pela primeira vez em 1715 a tradução da *Cirurgia Anatomica e Completa* de Leclerc, onde além dos capítulos sobre as doenças venereas, traz a operação de castração, da pedra na uretra, da pedra na bexiga, em que descreve a talha perineal e a punção da bexiga pelo perineo.

O dr. Jeronimo Moreira de Carvalho que foi medico em Sousel adquiriu grande fama no tratamento dos apertos da uretra, publicando em 1721 o *Methodo verdadeiro para curar radicalmente as carnosidades* que consistia no uso de velas detergentes e desecantes. Por sua morte o seu genro annunciou que vendia em Lisboa as velinhas de que fazia uso e um emplastro que o mesmo inventára para a espinhela caída.

João Lopes Correia (1) trata das *Chagas*

(1) *Castelo Forte contra todo o genero de fe-*

dos rins, onde inclue as nephrites e pyelites, attribuindo-lhe os seguintes symptomas:

«São dôr nos lombos, e sahir materia misturada com a ourina, e algumas vezes só materia, e achar-se no fundo do ourinol hum sendimento sanioso, e vermelho, e nadarem sobre a ourina humas fibras carnosas, e cinzentas, e haver máo cheyro na materia; porém, mais fedor, do que quando ha chaga na bexiga, e quando se.ourina tem dôres mordicantes, que parecem ser nephriticas; e principalmente quando as uretras (por ureteras) tem em sy materia acre, e purulenta, que as ulcera.»

O tratamento preconizado é o leite de burra ou de cabra, as tisanas e amendoadas.

No capitulo *Chagas da bexiga* trata das cistites em que destingue os casos em que a doença está só no colo da bexiga, d'aquelles em que ocupa o fundo d'esta. Aconselha depois das sangrias e purgas brandas os mesmos remedios que para as chagas do rim aconselhou e mais terebentina de Venesa, ruibarbo em cosimento de cevada e outros cosimentos bebidos ou injectados por seringa.

Refere-se depois ás *Chagas do Pirineo*, ás *Chagas da bolsa dos testiculos*, a que chamão *escroton*, ás *Chagas do membro viril*, que divide em internas e externas e trata com varios cosimentos e com alvaia de pó de litargirio, solimão (mercurio sublimado), etc.

A respeito das vegetações, traz os seguintes sinonimos *condylomas*, *mariscas*, *figus*,

ridas, *chagas*, *deslocaçoens e fracturas* e *The-souro Universal*. No qual se acharão remedios *communis*, e *particulares* para todas ellas — Lisboa, 1726.

concrecencias, esponjas, verrugas das almo-
rreymas e cristas e aconselha remedios va-
riados e extravagantes, como óleo de ladri-
lhos novos ou de telhas, leite de erva leitei-
ra, (1) agua da separação do ouro dos ouri-
ves, pós de conchas e de alva de cão, de car-
vão de carvalho ou de cascas de romãs,
esterco de galinha, sabão francez, olhinhos
de barbasco, etc.

Tratando das *feridas do membro viril*,
diz que «sendo cortada parte ou toda a via
da urina, se coserá a parte com pontos com-
muns, e depois de cosida, se lhe meta hum
canudo de penna, ou de chumbo embrulha-
do em humas estoppas, e molhadas em cla-
ra de ovo, ou outro qualquer emglutinante
de sorte, que passe além da ferida: e se esta
ferida tiver fluxo de sangue, se não bastar
o remedio de claras de ovos, e a costura
commum, se use sobre a ferida de qualquer
dos betumes, que se applicão para o fluxo
de sangue...»

E acrescenta:

«Neste Hospital (de Todos os Santos) na
enfermaria dos males tenho cortado muytos
membros pela parte sã, e á vista dos prati-
cos não usava de outros remedios mais que
sómente dos pós sympaticos, (2) como man-

(1) E' pratica popular muito acreditada tra-
tar as verrugas com o leite dos figos ou das fo-
lhas de figueira.

(2) Estes pós eram feitos com caparosa Ro-
mana pisada em gral de páo de carvalho e
guardados em vaso, caixa, gaveta ou frasco
que se expõe ao sol das nove ou dez da manhã
até ás duas ou trez da tarde, até ficar bem
alva. Usavam-se d'esta forma: molhava-se um
pano de linho limpo no sangue que saia da fe-
rida e retirando-se polvilhava-se com os pós

da o seu Author, e por demais, ou para melhor dizer, por não ser censurado de quem ignora a virtude e valentia dos pós, só lhe punha huma plancheta de fios molhada em clara de ovo e por cima sua atadura e assim continuava até estar são, que em breves dias saráva, *contra invidiam maledicentis*:

«e affirmo que quantos cortej nenhum me morreu, como poderão testificar os mal affeyçados, que presentes se acharão a tal mutilação, porque só em um dia cortej quatro á sua vista, e sem preparação de betumes, e cauterios, como os Auttores mandão, se virão todos são sem o menor symptoma e em espaço de dês ou quinze dias. E outros que cortej nas enfermarias dos feridos, em huns usava dos pós sympathicos, e em outros de pyrola de magisterio de opio, e um estrondo de betumes e cauterios a todos se tomava o fluxo de sangue *instar miraculi*.....»

A amputação do penis era o processo havia muitos seculos empregado para combater os cancrios fagedenicos, quando os causticos e os cauterios eram impotentes para debelar o mal. Em Hespanha e Portugal era muito frequente recorrer-se a este meio ci-

simpaticos, cobria-se com outro pano e punha-se em logar temperado defronte do ferido, porque se estivessem em logar muito quente, vinha a inflamação á parte ferida, se em logar humido, a ferida humedecer-se-hia, se em logar frio, este arrefeceria. A ferida era coberta com pano limpo, que se retirava no dia seguinte e depois de polvilhado com os pós sympathicos, se juntava aos primitivos pensos. Por simpatia os pós no sangue dos pensos iam de longe curando as feridas.

rurgico de resolver as difficuldades therapeuticas em taes casos.

Tem longos artigos sobre a cistite, onde pela primeira vez apparecem citados os medicamentos chimicos que então se empregavam na Europa culta, mas que cita por transmissão dos livros estrangeiros, porque da sua pratica traz remedios extravagantes, taes como a agua de divinas flores (infusão de bosta de boi fresca preparada em maio), urina de bode ainda quente, pó de bexiga de porco montez, etc.

Trata tambem das fistulas da bexiga, a respeito das quaes só fala dos remedios internos ou applicados em mechas, sem se referir á intervenção operatoria.

Sobre as pedras nos rins e na bexiga accumula tambem todas as superstições e credencias dos antigos e quanta á talha, que se percebe não praticou nem viu praticar, diz ser muito perigosa e nella

«muytas vezes succede espirar o doente nas mãos dos artifices... e portanto se deve fugir desta operação, e quando o doente queyra que lha fação, se admita que seja o artifice muy perito e experimentado em casos semelhantes e não qualquer charlatão daquelles que nos veem, sem sciencia nem experiencia (alusão aos curandeiros estrangeiros ambulantes que percorriam varios paizes operando os calculos).»

Trata dos apertos d'uretra, acreditando na sua natureza sifilitica e repetindo o que escreveram antes d'elle os auctores nacionaes e estrangeiros. A seguir vem um capitulo sobre a inflamação do perineo e outro sobre a cura da imperfuração da via da urina, a respeito da qual escreve:

«Sendo esta tal imperfuração total, e pro-

duzida na formação do utero sem cavidade alguma, esta não tem cura, porque o doente que a fizer, brevemente morrerá, e sendo menino tenro, se a ourina fizer saída ás verilhas, ou a alguma parte do abdomen, também brevemente morrerá; como eu vi em hum, que veyo á Roda dos Engeitados sem orificio em ambas as vias, e sómente resudava aquosidade muy subtil, e morreu em doze dias todo gangrenado. Sendo, porém, só membrana, que tapa o superior da glande na parte extrema da urethra, ou no osculo do collo da bexiga, se curará na fórma seguinte. Façam huma incisão sobre a membrana, que cobre a via, e feyta ella, se meta na via huma mecha canulada de chumbo, molhada em vinho estitico, e continuem com ella até a parte se cicatrizar e depois se continue com a mesma mecha molhada em unguento de tutia, até que a parte fique bem cicatrizada de sôrte, que se não torne a unir. Sendo no osculo do collo da bexiga, que se conhecerá pela tenta que não quer passar, se abrirá com instrumento idoneo ao intento, e securará metendo hum canudo de prata ou de chumbo dentro da bexiga com os mesmos remedios que ficam dittos...

Trata depois do *lipodermo*, que define «hum defeyto do couro que cobre a cabeça do membro, a que chamam defeyto do prepucio, por causa de se lhe cortar ou outra qualquer causa» e a seguir da fimose, a respeito da qual ensina o seguinte processo operatorio «puxado bem o prepucio para fóra, se corte com tisoura em roda tudo o que ficar da ponta da cabeça para fóra. Depois de deytada a ponta do prepucio fóra, se vir que o mais d'elle está unido á cabeça do membro, se irá descascando subtil e levemente com a lanceta, até de todo estar despegado». Depois applicava os pós sympaticos (nos panos embebidos no sangue que corria da ferida)

e sobre as partes panos com clara de ovo. Censura os que praticam por outra forma a operação, fazendo apenas uma incisão longitudinal no prepucio, por ficar o membro com diformidade porque «depois de são fica o doente com duas cabeças (na glande), hum a de cima e outra debayxo».

Quando havia adherencias, desfeitas na operação, o penso era:

«Façam hum capulo de chumbo á feyção da cabeça do membro com hum buraco no fim delle, e este capulo se forre por dentro com hum a tira de cambray, e esta vá molhada em clara de ovo, e se ponha na parte e se puxe o resto do prepucio para fóra, que fique em cima do capulo...»

Os capitulos seguintes sobre a parafimose, tortura do membro viril, e sua inchação são dignos de nota. Contra a gonorréa virulenta além de muitas beberagens, preconisa no principio da doença as sangrias e purgas.

Luiz Gomes Ferreira publicou tres casos em que a supressão d'urina foi facilmente curada pelo decocto da erva do bicho, (2) na dose de seis onças de manhã e outro tanto á tarde, para as gonorréas chronicas louva o leite da terebentina assim composto: terebentina — duas oitavas, gemas d'ovo tres, assucar branco — tres onças, vinho branco — uma libra. Curava os cavalos ou cancos moles, esfregando-os com sumo de limão e applicando-lhes depois pó de cato, ou então pelo sistema que inventou e que consistia em tocal-os com um pincel molhado em espirito de vitriolo, depois de os limpar, ope-

(1) *Erario Mineral* — Lisboa, 1735.

(2) Chamada tambem erva de Santa Maria.

ração que pode repetir-se e que declara efficassissima. Traz tambem a historia d'um homem que tinha um hidrocele tão grande, que precisava trazer o testiculo n'um sacco suspenso ao pescoço. Foi puncionado o tumor com a agulha canulada, saindo duas e meia bacias de liquido e com applicações de panos molhados em aguardente com sal, sarou.

N'um interessante livro do cirurgião Manoel dos Santos (1) encontram-se valiosos informes sobre a cirurgia da bexiga na primeira metade do seculo XVIII. O auctor refere a grande abundancia de calculos urina-rios em homens e mulheres, tanto brancos como de côr, em Pernambuco, onde exercia clinica. Conta depois que Antonio Brebion, cirurgião flamengo ou alemão que em 1691 fôra para o Brazil, extraira no Recife a um frade franciscano uma pedra do feitio, tamanho e côr d'uma ameijoia, seguindo-se á talha a gangrena do perineo, que ia matando o operado. Veiu depois um frade bento de Olinda para ser tratado pelo mesmo cirurgião, mas aberta a bexiga, não se conseguiu tirar a pedra, que aderira ás suas paredes, morrendo o doente ao decimo dia e só então se conseguiu tiral-a. Era muito escura, cheia de rugosidades e do tamanho d'uma bala grande de mosquete.

Manoel dos Santos acreditava muito na influencia da herança, na viciação dos humores que geram as pedras nos rins e aos

(1) *Dialogos Criticos Aos dous tratados da nova Cirurgia que o Doutor D. Anõnio de Monrrará e Roca, Cathedratico de Anatomia, que foy no Hospital Real de Todos os Santos, na cidade de Lisboa, deo á luz no anno de 1725.* — Lisboa, 1750.

paes dos que as teem, chamáva paës pedristas, dando como exemplo dois casos clinicos. Uma creança filha d'um calculoso, com dez meses de idade, depois de ter fortes dôres de costas, ventre e hipocondreos, apresentou um calculo encravado na extremidade da uretra «Com effeito fui vêr o menino, refere Manoel dos Santos, e achei com a tenta a dita pedra, mas em parte que não podia chegar a pegar-lhe com a pinça da espatula, em cujos termos, por attenção ao perigo, em que considerei a tal criança; (pois o sobre-dito membro estava tão inchado que parecia huma bola cheya de linfa) tratei logo de lhe abrir a fava, até chegar á pedra, o que executei com duas tizouradas, pela parte superior, e carnoza; e por este modo lha extrahi. E curando depois a ferida como a arte manda, uniu tão brevemente pela primeira intenção, que aos oito dias pode lançar a outra (pedra) sem carencia de nova abertura». N'outro caso, uma creança de um anno de idade, produziu-se encravamento analogo da pedra, que um pratico de Pernambuco remediou fazendo a mesma operação, mas com menor facilidade, pois não uniram as partes divididas da glande, cicatrizando separadamente.

Cerca de 1745 estava tambem no Recife o cirurgião Francisco Corrêa Picanço, que sendo chamado para um rapaz que se queixava de supressão das urinas e apresentava «hum pequeno apostema, que no entre-semineo a hum lado do escroto lhe havia suppurado». Abriu-lhe o abcesso e no dia seguinte, quando se fez a expressão «lhe saltou huma pedra pela cizura do tamanho, e feito de hum ovo de passarinho e ficou urinando por ela, mas teve a fortuna de ficar sem fistula depois de curado».

O mesmo pratico foi chamado em 1745 para vêr um escravo de dezoito annos, que

trez annos antes caíra d'uma arvore tão desastradamente, que uma lasca de pau se lhe metera pelo anus, ferindo-o de forma que foi preciso arrancal-a com violencia e muita dôr. Ficou com dôres nos lombos e difficuldade de urinar e ao cabo de seis meses expelliu pela uretra duas lasquinhas de pau e foi-lhe augmentando a disuria, ao mesmo tempo que no perinco se lhe formava um fleimão. Foi neste estado que Picanço viu o enfermo e não podendo sondar a bexiga com tenta, nem algalia, resolveu intervir cirurgicamente:

«...abrio o dito Picanço a parte, fazendo nella a incisão, que lhe pareceo bastante, e logo deo com a pedra no mesmo Colo da bexiga, do qual a extrahio com não pouca difficuldade a respeito da sua grandeza e grossura, porque o seu comprimento não só occupava todo o entresemineo, mas ainda lhe empurrava hum dos testiculos dentro do escroto para a parte de cima, de que resultava estar todo elle com inchação bastante; em quanto á grossura parecia hum pedaço de canudo de enxofre, excepto na côr, porque era mais branca. Tinha huma cabeça de figura diversa como mostrará e debuxo, que nesta irá inserto. (1) Pesava a tal pedra 17 oitavas, era mui lisa, e de dura consistencia, estava contigua a outro pedaço mayor, que se achava pelo tacto dentro da bexiga, do qual se divizava a parte mais grossa donde se havia separado da que se tinha extrahido; porém, este por mais diligencias que se fizerão não foi possível tirar-se.»

Feita uma junta, opinaram alguns «que

(1) O exemplar d'esta obra, que possuo, não tem a estampa.

com huma talhadeira, batendo-lhe com hum martellinho (como se a bexiga do pobre escravo fosse alguma pedreira) se procurasse ir lascando» a pedra que ficava, mas Picanço recusou-se a fazer isto e ao fim de dez dias o negro morreu e Picanço dilatou a primeira incisão até ao recto e abrindo mais o fundo da bexiga, além d'areias tirou o segundo calculo que pesava treze oitavas. Manoel dos Santos referindo o caso, observa que por ser mais rapida, conduziu Picanço assim a extracção, não fazendo «a operação cesarea, que seria a mais propria para o intento não só de extrahir a pedra, como de observar o interior e exterior da bexiga». Mostrou assim conhecer a talha hipogastrica.

(1) celebrado remedio de Madame Stephens, que consistia n'umas pilulas feitas com sabão de Alicante e pós de cascas d'ovos ou de caracol calcinadas, foi celebrado em Portugal não só pelas referencias de varios tratadistas, mas pelo livro de Jacob de Castro Sarmiento intitulado *Relaçam de alguns Experimentos, e Observaçõens, Feitas sobre as Medicinas de Madam. Stephens, para dissolver a Pedra. Em que se traz a exame, e se mostra a sua Faculdade Dissolvente. Por Estevão Hales, Dr. em Theologia, Rector de Faringdon, & c. e Socio da Sociedade Real. Ajuntasse hum Compendio Historico De Todos os Factos, des de a Origem deste Descobrimto, até que, por fazelo publico, recebeu a sua Inventora, do Parlamento de Inglaterra, o premio de cinco mil Livras, ou cincoenta mil cruzados. Traduzido, e illustrado tudo, Por J. de C. S. Doutor em Medicina na Universidade de Aberdeen, do Collegio Real dos Medicos de Londres, e Socio da Sociedade Real. Que acrescenta a o fim O Estado, em que este Descobrimto se acha, e as formas, em que fica em uso, ac*

publicar desta Obra (Uma citação latina de Baiacon. de Verul) — Londres, 1742.

Esta curiosa obra para quem queira conhecer a historia do celebrado remedio, termina pela noticia d'uma modificação que a este fez o dr. Guilherme Barrowby e por este comunicada a Castro Sarmiento, cuja formula era «R. de decoada capital ou fortissima de sabão, trinta gotas; de oleo de amendoas doces, huma onça; de vinho branco de Lisboa e xarope de malvaiseo, de cada hum meya onça; misture e forme bebida, que se tome tres vezes cada dia».

Francisco da Fonseca Henriques (1) a proposito do tratamento das vegetações, cita um caso em que cortou uma com navalha e aconselha varios remedios para dispensar a operação, como a mistura de pedra hume queimada com os pós de herva sabina, o oleo de vitriólo e de enxofre e os dois seguintes: tomem-se sal ammoniaco e barro ou terra humida, façam-se umas bólas e destilem-se, ou então «tomem uma libra de sangue humano, duas libras de sangue de boi, seis libras d'agua de poço, misture-se, filtre-se e ponha-se ao fogo, até gastar a agua, então tire-se do lume e no fundo do vaso se achará o sal, cuja virtude em gastar e consumir as excrescencias carnosas é efficacissima».

Na gonorréa virulenta preconisa logo desde o principio o uso em bebida da agua que foi fervida com mercurio e das anien-doadas, as injeções com leite de burra, de mulher, ou uso de leite de cabra e com os decoctos emolientes, e a mistura de agua de tanchagem e mercurio doce, o remedio com que Musitano affirmava curar esta doença em trez dias. (2) Tambem louva muito as

(1) *Madeira Illustrado* — Lisboa, 1751.

(2) *Libri quatri de Lue Venerea*.

pilulas de terebentina e mercurio. Reserva as sangrias e purgas para as gonorréas antigas.

Nas mulas ou encordios aconselha como soberano o tratamento pelo mercurio e o uso do emplastro Benedicto de Musitano, feito com cêra, azeite, raizes de cana, de lilio celeste e do malvaisco, alvaiade, e tutia, (1) ou do emplastro de espermaceti com mercurio.

Na orchite, a que chama hernia galica, reprova as purgas, louva as sangrias, a tançagem, o uso externo das couvês cosidas em vinagre, a farinha de fava cosida em vinagre e agua, remedio de que Riverio diz que sempre aproveitou nestes casos. Para consumir as duresas que ficam ás vezes, preconisa a aguardente simples ou anforada, a agua da Rainha da Hungria, o espirito de sal amoniaco, etc.

Sobre os apertos da uretra pouco diz. Como para tudo, louva o tratamento mercurial, combate o erro de julgar prejudicial aos que sofrem de doença venerea, o uso da agua fria em banhos e quanto aos cateterismos escreve:

«Sabemos de algumas pessoas, que, tendo carnosidades, se curarão dellas só com trazer huma verga de chumbo, humas vezes azougada, outras vezes sem azogue, mettida na via de ourina, de noite e de dia, andando com ella

(1) Era um oxydo de zinco impuro que vinha a Portugal da India. Era preparado em Kerman, ao norte de Hormuz e chegava-nos ás vezes da Alexandria (*Coloquios aos Simples e Drogas da India* por Garcia da Orta, anotados pelo Conde de Ficalho — Lisboa, 1895, v. II, pag. 361).

sempre; porque o chumbo e o azougue podem resolver e gastar as carnosidades.»

Sobre os calculos traz o mesmo auctor (1) enorme quantidade de remedios, dos quaes citaremos apenas os alhos e as ventosas na região dos rins, o sangue e a urina do bode, os pós de lebre seca no forno, o vinho de alquequengues e os pós dos millepedes.

Antonio Gomes Lourenço (2) descreve o processo de laqueação para o tratamento do varicocele e o do sedenho e dos causticos para a cura radical do hidrocele. Trata tambem da orchite, que designa por *hernia fleimomosa ou humoral*, preconizando os emolientes, leife, tanchagem, erva moura, malvas, violas, etc.

Para se ver como neste tempo ainda os cirurgiões que mais presumiam de sabedores, estavam n'um atrazo lamentavel, leia-se a observação da gangrena do escroto, sobrevivdo a uma orchite blenorragica, por Manoel Gomes de Lima. (3)

Mesmo no meiado do seculo XVIII as ideias sobre os bubões eram as mais confusas, pois se incluia no mesmo capitulo como se fossem coisas proximas ou comparaveis em patologia e terapeutica os bubões do cancro mole, as adenites sifiliticas e os bubões da peste. Egualmente atrasada estava a sciencia e a pratica pelo que respeita ao hidrocele, que com a designação de hernia

(1) *Medicina Lusitana — Soccorro Delphico* — Amsterdão, 1731.

(2) *Cirurgia Classica, Lusitana, Anatomica, Pharmaceutica, Medica* — Lisboa, 1754.

(3) *O Praticante do Hospital Convencido e Dialogo cirurgico sobre a Inflamação* — Porto, 1756, pag. 157.

aguosa, se incluía no capitulo das herniæ e comparando-se ao edema do escroto por hydropisia de outra causa, se tratava pela redução dos liquidos na alimentação, pela salsa parrilha, raiz da China, pau santo, ras-pas de marfim e de pontas de veado e só em ultima extremidade pela punção simples, feita como se praticava na ascite. (1) Não é para admirar esta falencia da cirurgia, visto que nesse tempo ainda para os cancros se reprovava a operação manual. Era como sempre, foi até ao fim do terceiro quartel d'este seculo, a ignorancia dos cirurgiões e o medo que d'ahi lhe vinha, que os impedia de imitarem algum dos estrangeiros, clinicos ambulantes que percorriam a Europa operando.

Já em 1596 em Portugal um tudesco, Felipe Franco foi autorizado a curar entre outras coisas, carnosidades e pedra da bexiga e em 1752 um francez, Nicolao Christien andou pelo paiz tratando de dores nefriticas.

Em 1762 Lourenço Pereira da Rocha, cirurgião em Lamego publicou *Observações de huma hernia ossea, casualmente descoberta e animosamente curada*, que trata d'um tumor dermatoide do testiculo.

Dois anos depois lia-se no *Diario Universal de Medicina, Cirurgia, Pharmacia*, dirigido por Manoel Gomes de Lima, um artigo do cirurgião F. J. Brandão, lido em 1763 na Academia de Cirurgia do Porto, em que se declara que a gonorréa, a fimose e a para-fimose nunca resistem aos purgantes e á applicação local e repetida da pomada mercurial feita com o mercurio vevificado,

(1) *Cirurgia Medico-Pharmaceutica* por José Ferreira — Lisboa, 1740.

amortecido com sumo de salsa e misturado com canfora e enxundia de porco.

No mesmo periodico vem uma memoria do dr. José de Pineda y Balderas «*sobre uma lithotomia natural, ó expulsion de una piedra por medio de un abcesso*. Tratava-se da expulsão d'um calculo do peso de duas onças e meia, por um abcesso perineal, de que ficou uma fistula vesical. O auctor mostra-se muito contrario á intervenção cirurgica nos casos de calculos vesicaes, o que prova que o atrazo n'este ponto não era peculiar ao nosso paiz.

IV

O ensino no Hospital de Todos os Santos. Publicações originaes e traduzidas. Jacob de Castro Sarmento. José Bento Lopes. As velas de goma elastica. Os cirurgiões portuguezes que foram estudar a Inglaterra. Antonio de Almeida. Diversas observações clinicas na pratica civil e na hospitalar. Um discipulo de Descamps. Francisco Solano Constancio.

Na segunda metade do seculo XVIII iniciou-se com grande intensidade o movimento d'educação e illustração dos nossos cirurgiões por varios modos.

Em primeiro logar pelo ensino da Anatomia e da cirurgia no Hospital de Todos os Santos, onde os serviços prestados por Dufaut, Santuci e Manoel Constancio quanto á anatomia e os devidos a Felipe José de Gouveia, Manoel Rodrigues e Antonio d'Almeida quanto á cirurgia, foram de altissima importancia e alcance, nunca sendo demais louva-los e proclama-los.

Os cirurgiões, que antes não tinham preparação alguma que os dispozesse a aproveitar a lição da pratica nos hospitaes ou na clinica particular dos seus mestres, tambem

não tinham livros em portuguez, que estivessem a par da sciencia do tempo.

Jacob de Castro Sacramento publicou em 1773 a tradução de S. Sharp sobre operações cirurgicas, (1) onde se reprova a cura radical do hydrocele por incisão ou por caustico e se dão indicações minuciosas sobre muitas operações então em voga e especialmente no que nos interessa, sobre as operações de talha segundo os diferentes processos.

O traductor acrescentou a tradução com um appendice sobre a *Materia Cirurgica* e uma noticia d'um instrumento de que fazia uso o cirurgião londrino J. G., do Hospital de S. Thomaz, para tratar apertos d'uretra. Era uma canula com uma tenta embainhada, que se retirava ao chegar ao aperto e depois de introduzir na canula uma porção de *Caustico Lunar*, se ia empurrando com a tenta até tocar o ponto estreitado, onde se deixava por um minuto, retirando esta então e substituindo-a pelo bico d'uma seringa, com que se fazia uma injeccão d'agua simples.

Entre as traduções (2) que appareceram no nosso paiz na segunda metade do seculo

(1) *Tratado das Operaçoens de Cirurgia...* de Mons. S. Sharp, Cirurgião do Hospital de Guy de Londres — Lisboa, 1773.

(2) Delas destacamos:

Curso de Cirurgia por Elias Cols de Vilar, trad. de Silvestre José de Carvalho — Lisboa, 1771.

Systema de Cirurgia de Benjamin Bell, trad. de Francisco José de Paula — Lisboa, 1794.

Doutrina das Enfermidades Venereas do Doutor José Jacob Plenck, trad. de Manoel Joaquim Henriques de Paiva — Lisboa, 1805.

XVIII destaca-se a que um anonimo deu á estampa em Coimbra em 1777, intitulada *Arte de se tratar a si mesmo nas Enfermidades Venereas e de se curar de seus differentes symptomas* de Mr. Bourru, doutor regente da Faculdade de Medicina na Universidade de Pariz. Além da parte anatomica dos órgãos sexuaes, este livro devia servir de muito na instrução dos clinicos na parte ultima em que trata dos cancrios moles, bubões, gonorréas, apertos uretraes, etc.

O medico do Porto, José Bento Lopes prestou um excelente serviço aos clinicos portuguezes, que estavam inçados de erros e superstições, publicando a tradução (1) do escripto de Samuel Foart Simons sobre as blennorragias, fimosis, parafimosis, orchites, cancrios moles, apertos da uretra, gonorréa chronica e ophtalmia blennorragica. O traductor ilustra o seu trabalho com numerosas e extensas notas onde além de lembrar algumas opiniões razoaveis de clinicos portuguezes, cita largamente muitos dos principaes patologistas inglezes d'esse tempo, resumindo assim tudo, ou pelo menos, a parte mais importante do que então estava apurado sobre a etiologia e tratamento das afecções venereas.

Assim reprova os purgantes no esquentamento, aconselha as injecções, censura o abuso dos preparados mercuriaes nas doenças não sifiliticas, mostra a raridade das obstrucções da uretra por carnosidades e a sua frequencia pelos apertos cicatriciaes e n'este ponto dá uma formula muito curiosa para fazer as velas uretraes, que se supunha ser a preconizada por Daran em 1743 e pelo

(1) *Observações sobre a cura da Gonorrhoea Virulenta* — Porto, 1794.

seu auctor conservada em segredo (1) e lembra que nos casos de cateterismo difficil as cordas de rabeca são preferiveis ás velinhas. Descreve a cauterisação pelo nitrato de prata para destruir os calos uretraes e conta ter empregado este escarotico com magnifico resultado na cura d'uma fistula vesical abrindo-se no perineo. (2)

A par deste livro se deve colocar o que appareceu alguns annos depois expondo as lições de Benjamim Bell. (3)

Em 18 de março de 1800 annunciava em Lisboa o cirurgião Francisco Xavier de Oliveira, que tendo aprendido no Pará o modo de fazer algalias e velinhas de goma elastica, as vendia na sua casa na rua direita das Portas de Santa Cruz. Fornecia além das algalias comuns umas velinhas furadas de nova invenção, para causticar as carnosidades da uretra sem tocar com o caustico as partes sãs. As velinhas que curavam radicalmente as carnosidades deviam estar na uretra só seis horas de cada vez. (4)

Os cirurgiões mandados a Inglaterra estudar pela valiosissima e intelligente iniciativa do insigne Manoel Canstancio, e nas missões que a esta se seguiram, voltando a Portugal trouxeram um cabedal de conhecimentos e uma educação pratica d'um alto valor, que lhes permitiu iniciar uma clinica verdadeiramente á altura do melhor que se sabia então no mundo. D'esses destacam-se

(1) Loc. cit. pag. 121.

(2) Loc. cit. pag. 140.

(3) *Tratado das doenças venereas* por Benjamim Bell... com varias notas de D. Santiago Garcia — Lisboa, 1804.

(4) *Medicos e Curandeiros* do auctor pag. 142.

Antonio Maria do Couto, Francisco José de Paula e Antonio d'Almeida, que para Inglaterra partira já depois de ter regido no Hospital de Todos os Santos a cadeira d'operações. Antonio Maria do Couto annunciava em 1801 «ter descoberto um Instrumento para repôr a pedra da bexiga em parto, quando se interpõe adiante da cabeça da creança». (1)

Se é certo que a esse tempo já a cirurgia franceza fizera grandes progressos com João Luiz Petit, Ledran, Tenon, Quesnay, Lafaye, Lecat, Morand, Desault e Chopard, era na Inglaterra que se iniciavam e levavam a cabo os novos processos cirurgicos e ninguém podia vangloriar-se de ter feito a sua educação clinica em cirurgia, sem ter recebido lições de Chesselden, o introductor da talha hipogastrica, Douglas, Monro, Sharp, Pott, Hunter, Bell ou dos seus discipulos. Da sua lição e experiencia muito aproveitavam os cirurgiões portuguezes, sendo indiscutivelmente a escola inglesa o principal factor do renascimento cirurgico entre nós.

Dos relatorios ou contas que os estudantes enviados a Londres para se instruirem na medicina e cirurgia nos fins do seculo XVIII por indicação do grande Manoel Constancio, apenas se conhecem os enviados por trez d'elles relativamente aos seus trabalhos em trez mezes e ahi se referem varias operações de cura radical do hydrocele (incisão simples ou seguida da pulverisação com farinha de

(1) Vide *Manoel Constancio* nos *Arquivos da Historia da Medicina Portuguesa* pelo sr. Augusto de Castro, importantissimo estudo biographico e critico, que constitue uma das fontes mais ricas para a historia do ensino da cirurgia em Lisboa na segunda metade do seculo XVIII.

frigo na superficie interna da vaginal), castração e talha lateralizada realisadas nos Hospitaes de S. Thomaz, Guy e S. Bartolomeu pelos cirurgiões Blizard, Foster, Long, Lucas, Cooper, Cline, Shandler e outros. (1)

Antonio de Almeida no hydrocele prefere o trocarte para o tratamento paliativo e no curativo, de que ao tempo já tinha pratica de mais de duzentos casos, empregava depois da extracção do liquido pela canula, a injectão com a solução aquosa de pedra lipes e com este processo nunca observou supuração, nem gangrena. (2) No hematocele prefere a incisão á punção. (3) No varicocele é contrario á intervenção operatoria. (4) Na castração prefere a incisão simples e não corta o anel inguinal. (5)

Quanto aos calculos urinaes, cuja formação attribue principalmente ao abuso das bebidas alcoolicas, reprova a nephrotomia, que não é indicada por fleigmão ou abcesso lombar. (6)

Relativamente aos calculos na bexiga, estuda a sua patogenia e symptomatologia e descreve os processos d'exploração pela sonda de ferro; trata depois dos diferentes methodos da litotomia, descrevendo o pequeno aparato, que diz dever ser reservado apenas para os casos d'obstrução da uretra ou do colo da bexiga, o grande aparato, o alto apa-

(1) *Officio n.º 186 da Legação de Londres, de 17 de outubro de 1793* no Archivo do Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

(2) *Tratado Completo de Medicina Operatória* — Lisboa, 1800, pag. 15.

(3) *Ibidem*, pag. 23.

(4) *Ibidem*, pag. 26.

(5) *Ibidem*, pag. 36.

(6) *Ibidem*, pag. 87.

rato, que julga aproveitavel nos casos em que o calculo seja muito volumoso e a bexiga suba acima do pubis, e o aparato lateral, que estuda com muita minuciosidade enunciando todo o instrumental e ensinando todos os cuidados que as diferentes circumstancias possiveis impõem. Prescreve aos operados o opio e trata a ferida pelo balsamo de Arceo e gema d'ovo. (1) Refere os processos do Dr. Jacques, de Rau, de Cheselen e de frei Cosme, de Foubert e de Haukins, indicando a proposito de cada um as suas vantagens, inconvenientes e difficuldades de execução. A seguir estuda a operação nas mulheres, descrevendo o processo de Louis.

Trata depois da retenção da urina, suas causas e patogenia e meios de remedia-la, nos quaes estuda a introdução das algalias flexiveis ou elasticas.

Relativamente aos apertos d'uretra, tendo razões para afirmar que as gonorréas em muitos casos são de natureza sifilitica, recorre algumas vezes aos mercuriaes, mas na grande maioria dos casos faz o tratamento medico pela terebentina, canfora e o chloro de ferro, auxiliado pelas sangrias, banhos e cataplasmas. Estuda a applicação das algalias e velas e d'estas prefere as emplastricas (2) e de goma elastica, recorrendo algumas vezes ás de corda de rabeção. Repele com indignação o antigo uso dos cirurgiões portuguezes de empregar os causticos para destruir os apertos.

Estuda depois da punção da bexiga, na região hypogastrica, preferindo os trocartes curvas, a feita pelo pirineo aconselhando o

(1) Ibidem, pag. 88 e seguintes.

(2) Feitas com emplastro de diachilão, cera e azeite.

processo Juncker e pelo recto, segundo Flurant. Discute as indicações d'estes diferentes processos e diz preferir-lhe em muitos casos para remediar a retenção d'urina, a uretrotomia interna, que descreve.

A seguir trata das infiltrações urinosas, fistulas que d'aqui resultam e modo de cura-las, da incontinencia d'urina por lesão cirurgica, da fimose e parafimose e do modo de remedia-las por operação em que prefere a tesoura e o bisturi ordinario guiado pela tenta canula, fazendo a primeira incisão ao lado do prepucio e quando tenha de haver extirpação, na parte superior.

Quanto á amputação do penis, defende-a nos casos de tumor maligno, quando todo o membro não está atacado, nem invadidos os ganglios e condena-a nos casos de gangrena, em que é dispensavel ou inutil conforme a necrose tende ou não a limitar-se. Aconselha a laqueação dos vasos e nunca a constricção do coto, ou o cauterio.

Trata ainda do corte do freio e da imperfuração da uretra.

Em 1842 afirmava-se que Antonio d'Almeida praticou a talha em vinte casos, Manoel José Ferreira cinco vezes, Antonio Joaquim Farto oito vezes, empregando estes dois ultimos o processo de Hawkins, modificado, dando á incisão a direcção obliqua. (1)

Em 1812 Luiz Mendes Gonzaga preparava algalias que denominava *elasticas* e eram vendidas na botica por José da Silva Pinheiro ao Arco Grande do Marquez de Pomal, n.º 120. (2)

Joaquim da Silva Batista, cirurgião em

(1) *J. da S. das S. M. de L.* t. XVI, pag. 149.

(2) *Jornal de Coimbra*, t. I. pag. 14.

Cintra, observou em 1813 um caso n'um velho de 75 annos, que por andar a cavallo teve uma orchite supurada do lado direito e a formação d'um hydrocele do lado oposto. (1)

Francisco Leonardo de Carvalho, cirurgião em Ovar, no mesmo anno:

«conta que F. casado, estando tempo fóra de sua casa e companhia de sua mulher, recolheu-se perfeitamente bom quinze dias depois de ter hum coito com outra mulher, dous dias depois começaram a apparecer dous bubões e immediatamente se separou outra vez de sua mulher; assim mesmo porém, começarão a esta quinze dias depois outros dous bubões, mostrando-se por este caso, que huma pessoa contagiada de virus venereo, sem effeito sensivel ainda, pode contagiar outra». (2)

Ainda no mesmo anno José Maria de Moraes Sarmento, cirurgião na vila da Feira, expoz o seu metodo de tratar blenorrhagias. Sendo contrario ao uso de purgantes e de balsamicos, prescrevia dieta e a emulsão de Fuller e injeccões com mucilagem de pevides de marmelo, a que juntava seis grãos de opio e no fim injeccão de agua rosada — quatro onças, vitriolo branco e opio puro — aã cinco grãos e balsamo catolico — oito gotas. (3)

Em 1816 José Caetano Gomes Teixeira, cirurgião em Alfarela, comarca de Guimarães, teve de tratar um velho, em que depois d'uma fortissima blenorrhagia, houve um abcesso periuretral, que abrindo-se deixou uma fistula, que em volta apresentava uns

(1) Ibidem, t. III. pag. 102.

(2) Ibidem, t. V pag. 15.

(3) Ibidem, pag. 20.

tecidos fungosos, que o doente foi cauterizando sem resultado durante quatro meses. Os trajectos fistulosos foram-se multiplicando e por fim o fleigmão das partes moles circumvisinhas quasi chegava ao monte de Venus. Foi-lhe amputado o penis com feliz resultado. (1)

No mesmo anno José Luiz Pinto da Cunha, cirurgião em Viana do Minho observou um caso de supressão d'urina n'um blenorragico pelo abuso de injeccões adestringentes e não podendo fazer o cateterismo, em presença d'uma infiltração urinosa interna e externa, incizou o escroto, produzindo-se uma fistula com o que o doente abandonou o tratamento, considerando-se curado. (2)

E' digno de leitura um caso de envenenamento pelas cantaridas observado em 1817 por Luiz Nicolao Feria, medico em Mourão. (3)

No mesmo anno publicou Francisco Soares de Mesquita Borges, cirurgião em Armamar, nota d'um caso observado n'um velho, que recebera um tiro na região renal, que apresentou além de grande prostação e dôres nos lombos e ventre, urinas negras e raras e que conseguiu curar-se. (4)

Nos fins de 1823 appareceu em Lisboa um francez, dr. Ardouin, que pretendia divulgar o processo do seu colega dr. Descamps para tratar as retenções d'urina por apertos da uretra e aqui esteve até ao fim de 1824, em que passou os instrumentos e a clientela ao cirurgião Vicente José Ferreira.

(1) *Jornal de Coimbra*, t. X. pag. 166.

(2) *Ibidem*, t. XI, pag. 281.

(3) *Jornal de Coimbra*, t. XII, pag. 218.

(4) *Ibidem*, pag. 231.

Ainda em 1817 José Maria de Moraes Sarmiento publicou uma observação de grande ferimento no perineo d'uma mulher e outro de blenorrágia de excepcional intensidade. (1)

Francisco Solano Constancio publicou no *Journal de Bibliographie Médicale* um método de tratar as blenorrágias que empregou com muito resultado em Portugal e resumiu depois assim: (2)

„Consiste em expôr o penis ao vapor de hum cosimento de casca interna de oliveira por espaço de meia hora ou mais, repetindo a applicação nos primeiros tres dias da doença tres ou quatro vèzes por dia. Applica-se o vapor por meio de hum vaso que encerra o cosimento a ferver, e ao qual se adapta hum tubo de gomma elastica ou de couro, de comprimento sufficiente para que o vapor não chegue á parte demasiadamente quente, e de diametro sufficiente para envolver o penis. Os effeitos desta applicação são de moderar o ardor e a inflamação, de diminuir a acrimonia da materia e de fazer terminar a doença dentro de hum espaço de tempo que não succede de ordinario aquelle que exigem os mais methodos... com a singular vantagem que a cura he radical.»

(1) Ibidem, t. XIII, pag. 81-85.

(2) *Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras*, t. VIII, pag. 123 das *Noticias*.

V

As clinicas chirurgicas das Escolas de Lisboa e Porto, observações ahí colhidas, operações realisadas e theses dos alumnos. Manoel Carlos Teixeira. José Lourenço da Luz. Antonio Bernardino d'Almeida e Joaquim Ignacio Valente. João José Pereira. Os cirurgições militares e as suas observações. Vellas e algalias de gelatina. Antonio Ribeiro Viana.

No anno lectivo de 1828-29 na Clinica Cirurgica da Escola do Porto, dirigida por Joaquim Ignacio Valente, houve uma amputação do penis, motivada por uma ulcera cancerosa. (1)

Em 1832 foi defendida na Escola de Lisboa, por A. J. Farto da Costa, uma these sobre a *Lithotricia* ou *esboroamento da pedra na bexiga*, em que se mostra, que em geral a *Lithotricia* pelo processo do sr. Civiale he preferivel á *Cystotomia*, (2) trabalho de com-

(1) *J. da S. das S. M. de Lisboa*, t. XII, pag. 259.

(2) Publicada no *J. da S. das S. M. de L.*, t. XVI, pag. 3 e seguintes.

pilação muito bem feito e completo, onde se apreciam todos os processos da talha e se dão informações curiosas sobre as operações realizadas em Portugal. Ahí se diz que no anno lectivo de 1830-31 pretendeu José Lourenço da Luz fazer a primeira operação da litotricia, que se não chegou a realizar por ter saído o doente.

O cirurgião Antonio Pedro Cardoso publicou no *Jornal das Sciencias Medicas de Lisboa*, t. I uma interessante memoria *Do estado actual (1835) da Medicina e da Cirurgia em Portugal*, onde depois de se referir aos dois primeiros casos de talha recto-vesical praticados em Portugal por Manoel Carlos Teixeira e José Lourenço da Luz, escreve:

«O processo adoptado nesta especie de cystotomia he geralmente o de Hawkins e podemos asseverar, que apesar dos defeitos attribuidos ao seu gorjoreto, havemos visto extrahir calculos assaz volumosos, e os doentes ficarem curados. He verdade tambem, que a alguns assim operados notámos sobrevirem inflamações mortaes, quando o volume excessivo da pedra obrigava a fazer grandes distenções nas partes divididas..... Não temos noticia de operador portuguez, que se sirva do lithotomo occulto, e sem que pretendamos agora decidir das vantagens ou inconvenientes do gorjoreto de Hawkins, julgamos que a preferencia dada a este instrumento he talvez em grande parte devida ao habito dos operadores. Ainda que o apparatus lateralizado seja o mais usado entre nós, consta-nos todavia, que ainda ha poucos annos, existia no Porto hum operador portuguez, que praticava todas as talhas pelo alto apparatus e com mui felizes resultados.»

«Em todas estas operações de cystotomias lateralizadas, que temos observado, e não são poucas, ainda até agora não vimos exemplo de

ferimento do recto; não nos consta que o instrumento, perdido o rumo, tenha hido parar á cavidade deste órgão, em vez de penetrar na bexiga, nem presenciámos hemorragia da arteria pudenda interna, salvo hum unico caso, que por fortuna foi immediatamente remediado por outro Cirurgião que ajudava o operador e que teve a habilidade de laquear a arteria no fundo da ferida da operação.»

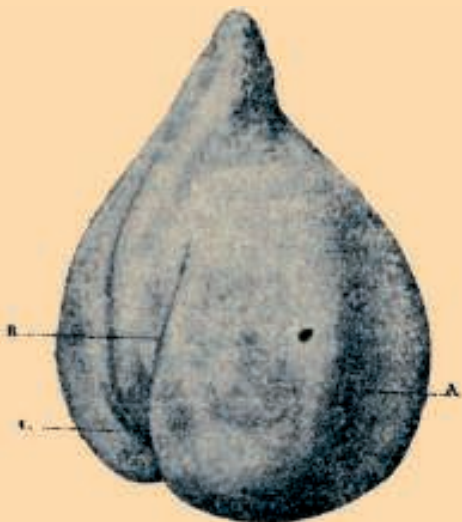
E depois de dizer que até então ainda se não praticara entre nós a litotricia, acrescenta:

«Se porém o apparelho lithotritor nos não servio ainda para a destruição das pedras da bexiga, já com felicissimo resultado foi entre nós empregado para a extracção de outros corpos estranhos, que havendo caído na cavidade deste órgão, não poderião ser extrahidos sem uma operação sangüinolenta e grave. Em dois casos já, segundo nos consta, se applicou o litholabio armado da sua bainha para tirar da bexiga algalias elasticas, que por descuido dos doentes havião escorregado para a sua cavidade, e em ambos se conseguio trazer para fóra estes corpos estranhos, depois de haver ensaiado sem proveito outros meios e de se estar a ponto de recorrer a outras operações mais graves.»

Acrescenta depois que o cateterismo pelas sondas rectas era conhecido em Portugal. Refere que o processo de Ducamps para destruir os apertos uretraes pela cauterisação foi adoptado com entusiasmo por alguns clinicos portuguezes e particularmente usado pelo cirurgião Antonio de Sousa Salgado, que foi demonstrador de cirurgia na Escola de Lisboa.

Na relação dos casos tratados na Clinica

Cirurgica da Escola de Lisboa, em 1827-28, encontram-se varios casos de uretrite blenorragica, tratados pelas cubebas, um de epidimite, um de cancro do penis tratado pela amputação, alguns de hydrocele curados pela injectão de vinho do Porto, um calculo vesical do tamanho d'um ovo pequeno de galinha, extraido pela talha recto-vesical, processo de Sanson, (1) e na mesma clinica no



Segundo desenhos do Natural e lithographou.

*Off. Lithographica R. Nova
Luz Marizmas 76/18 d. 2. 1828*

A — Excavação correspondente ao testiculo direito no lado oposto ha outra semelhante, que estava em relação com o testiculo esquerdo.

B — Rego, que começando junto á ponta do calculo acabava na sua parte anterior e dava passagem á urina da bexiga para a urethra.

C — Excavação occupada pelo septo das bolsas.

(1) *J. das S. M. t. I.*

anno 1829-30 casos de cistite chronica, balanite, epididimite, cancos venereos, onde nos casos rebeldes se recorreu ás pilulas mercuriaes, etc. (1)

Em 1833 o eminente cirurgião José Lourenço da Luz extraiu a um doente de S. José um calculo encerrado na uretra e que determinou um fleigmão da região perineal. Foi empregada uma colher do litotomo. O calculo, com a forma e o volume d'uma pera grande era um dos maiores conhecidos, pesava vinte e tres onças e duas oitavas e está representado na gravura junta com a redução de 50 %. O doente saiu do hospital levando uma fistula. (2)

No anno lectivo de 1835-36 o mesmo professor registou uma observação de calculo vesical que se pretendeu sem resultado extrair pela talha hipogastrica e outra de talha recto-vesical. (3)

No curso do anno seguinte, trataram-se um caso d'aperto da uretra e tres de fistulas uretraes pelo uso das velas de corda de rabeca, um hydrocele pelas injeccões de vinho do Porto, o tratamento da oclusão do meato urinario com produção de cinco pequenos orificios, pela dilatação d'um d'elles pelas cordas de rabeca, que deu em resultado a obliteração dos restantes, (4) um caso de cancro da bexiga, transformação kystosa do rim esquerdo e obliteração do uretere, uma operação de talha recto-vesical anterior por calculo e um caso de hydrocele tratado pela acupunctura. (5)

(1) Ibidem, t. I.

(2) Ibidem, t. II.

(3) *J. da S. das S. M. de L.*, t. V. pag. 286 e 327.

(4) *J. da S. das S. M. de L.*, t. VI, pag. 200.

(5) Ibidem, t. IX, pag. 325.

Por este tempo publicou Lourenço Antonio Correia, cirurgião na Ilha Terceira uma nota sobre a cura radical do hydrocele pela punção seguida da injeccão de partes eguaes d'agua e aguardente. (1)

J. M. Pereira e Sousa, cirurgião militar registou um caso de hydrocele com engurgitamento do testiculo aderente ao fundo de saco, outro da mesma doença seguido de tetano. (2)

O cirurgião militar João Pires da Matta Pacheco publicou notas sobre apertos organicos da uretra, tratados pelas velas de goma elastica, um caso de cistite e cinco de epididimites, observados no Hospital da Estrelinha. (3)

No curso da Escola de Lisboa de 1838-39 observou-se um caso de sarcocoele, um de hydrocele tratado pela acupunctura, um de talha por calculo praticada pela segunda vez no mesmo doente. (4)

O cirurgião José Pedro Marques Belliagio publicou uma observação de hydrocele curado pela acupunctura. (5)

O medico italiano Bartolomeu Poli, que esteve em Portugal em 1838, escreveu:

«A Cirurgia Portuguesa restaurada por Manoel Constancio chegou ao ponto que occupa nos mais cultos paizes. As operações chirurgicas, as quaes constituem a parte mais brilhante e mais essencial da Cirurgia, comprovão o meu dizer. Com effeito, ainda não tinha finalisado na Europa o estrondo das corajosas tentativas dos

(1) Ibidem, t. VIII, pag. 160.

(2) Ibidem, t. VII, pag. 150.

(3) Ibidem, t. XI, pag. 151.

(4) Ibidem, t. XII, pag. 70.

(5) Ibidem, pag. 195.

Inglezes, os quaes animados por aquella sabia resolução, que he filha do geniô, ajudada pelo valor e pela experiencia, executarão operações em partes, sobre as quaes até então ninguem se atrevia a levar a mão, já os Portuguezes José Lourenço da Luz e João José Pereira imitaram com feliz successo o exemplo delles.» (1)

De João José Pereira disse Lima Leitão, depois de citar os louvores de medicos inglezes e francezes que o tinham visto operar:

«nunca vi os instrumentos chirurgicos manejados com mais destra gentileza, com mais firme decisão nas mãos de Dupuytren, de Boyer, de Richerand, de Percy do que nas mãos do nosso chorado companheiro...»

Em 1834 o dr. A. J. de Figueiredo estudava medicina em Montpellier e vendo morrer todos os operados do seu professor Lallemand, a quem este applicava o metodo hypogastrico para realisar a talha, concebeu a ideia de tentar decompôr os calculos vesicaes pelo galvanismo e tendo comunicado esta ideia aos seus mestres, soube por estes que já Dumas e Prévost tinham ensaiado esta decomposição pelo mesmo meio. Não proseguiu depois este intento por lhe faltar pilha que tivesse força bastante para realisar a desagregação dos calculos, mas imaginou um aparelho, que consistia n'uma pinça como a de Civiale, indo os conductores galvanicos terminar entre os dentes da mesma. Para isso tencionava fazer abrir ao longo da pinça dois sulcos, onde se embebessem os fios conductores devidamente isolados. Seria, pois, em resumo uma pinça recta com a sua bainha. Depois pensou em applicar este mes-

(1) *J. da S. das S. M. de L.* t. X, pag. 309.

mo sistema á sonda britapedras de Huerte-loup. Lendo no *Medical Times* que dois medicos ingleses tencionavam pedir patente d'invenção para a destruição dos calculos vesicaes pelo galvanismo, apressou-se a publicar os seus projectos. (1)

Em 1838 publicou o mesmo clinico *Memo-ria sobre o tratamento da fistula vesico-vaginal* (2). Baseava-se sobre os escritos do seu mestre, Lallemand, apreciando a *sonda errina* do mesmo clinico e que Figueiredo e Silva pretendia modificar pelos inconvenientes que lhe encontrava na pratica, mas a terceira parte da sua memoria, onde deviam vir estas indicações não se publicou. As conclusões da primeira parte d'este estudo são:

A cauterisação é por si bastante para a cura de certas fistulas, a saber das que são estreitas, mormente se tem sua séde no colo da uretra ou da bexiga.

«Noutras pode este meio ser vantajosamente combinado com o uso da sonda e do tampo, segundo o methodo de Desault.

«Estes ultimos meios podem por si ser sufficientes no caso de lesão pouco consideravel e ainda recente.»

Segue-se depois a exposição do metodo d'aplicar a sonda de Lallemand.

O dr. Figueiredo cita varias observações que colheu em Montpellier e em que se patenteiam bem os inconvenientes do processo deste professor e do instrumento que empre-

(1) *Revista Medica de Lisboa* de 1844, pag. 97.

(2) *Annaes das Sciencias Medicas* -- Lisboa, 1838.

gava para realisal-o e propõe as modificações a adoptar para evital-os. (1)

Theodoro José Ferreira apresentou na Sociedade das Sciencias Medicas uma creança com extroversão da bexiga. (2)

J. J. Viana de Rezende publicou uma observação de aperto espasmodico da uretra e retenção d'urina dissipada pelo meio de fricções feitas com extracto de beladona. (3)

O professor Lima Leitão observou uma *cistite traumatica com rotura da bexiga e peritonite seguida de morte*. (4)

Foi tambem publicada n'essa epocha por C. M. F. da Silva Beirão, uma observação muito interessante d'um velho com um tumor maligno do figado, em que se estabele-cera *inflamação adhesiva entre o ilion, o mesenterio e a bexiga, seguida de comunicação entre esta e o intestino delgado*, saindo durante muitos dias as feses pela uretra, observação seguida de autopsia. (5)

O professor de clinica cirurgica da Escola do Porto, A. B. de Almeida publicou entre outros casos, dois de orchite, outro de prostatite, outro de fistulas urinarias, o d'um hydrocele por infiltração, um caso de *oscheo-chalasia d'Alibert* ou *sarcocele do Egipto*, seguida de castração e um caso de cistite purulenta n'uma mulher. (6)

O clinico N. A. G. Lima observou um caso d'infiltração urinosa, motivada por aper-

(1) *J. da S. das S. M. de L.*, t. XII, pag. 164.

(2) *Revista Medica de Lisboa* de 1844. pag. 289 e 337.

(3) *Jornal Medico-Cirurgico e Pharmaceutico de Lisboa* — Lisboa, 1835 pag. 261.

(4) *J. da S. das S. M. de L.* t. XIII, pag. 141.

(5) *Ibidem*, pag. 353.

(6) *Ibidem*, pag 3 e 61.

tos d'uretra, curados pelo cateterismo prolongado. (1)

Luiz Pereira da Fonseca, professor substituto da Escola do Porto publicou uma nota sobre um caso de apertos da uretra com fistulas urinarias, curadas pela dilatação e cauterisação. (2)

J. das Dôres Sequeira Rovisco comunicou á S. das S. M. de Lisboa *tres casos de blenorrhagias curadas pelo methodo de Dalton em 48 horas*. (3)

Antonio Augusto da Costa Simões publicou a observação d'um caso de *hematuria renal curada pelas applicações frias*. (4)

Por este tempo publicaram-se muitas contas clinicas dos hospitaes militares, que são muito elucidativas das ideias que dominavam então os cirurgiões portuguezes. Destacamos d'ellas a apresentada por A. G. do Valle, cirurgião mór de cavalaria 3, aquartelada em Elvas. (5) Teve cincoenta doentes com bubões venereos, que abriu pelo bistori ou pelo cauterio, preferindo aquelle e usando algumas vezes, mas com mau resultado, do caustico de Reynaud; depois applicava agua de Labarraque, ou agua de cal, outras vezes soluto de sublimado ou assucar canforado.

Mas acreditando ainda na natureza sífilítica dos bubões, applicava internamente os preparados mercuriaes. Teve a tratar muitas blenorrhagias, em que usou com vantagem do tratamento precoce pelas cubebas e as injec-

(1) *Ibidem*, pag. 142.

(2) *Ibidem*, t. XV, pag. 20.

(3) *Ibidem*, t. XVI, pag. 157.

(4) *Revista Medica de Lisboa de 1845*, pag. 15.

(5) *Jornal dos Facultativos Militares de 1846*, pag. 273.

ções causticas de Debeney; nos casos que se prolongavam muito ao tratamento interno pelos balsamicos, associava clisteres de co-paiba preconizados por Velpeau, outros praticos usavam então das injeções adestringentes. Nas vegetações usou a cauterisação pelo nitrato acido de mercurio, formula de Ricord.

No Porto, foi publicado um artigo sobre a invenção de J. J. Casenave, de Bordeus, que preparava velinhas para o cateterismo uretral com hastes de marfim que tratava pelo acido chloridrico, obtendo depois de muitas tentativas, umas velas elasticas. A rogos do clinico do Porto, que se dedicavam a esta especialidade, Almeida e Fonseca, o boticario Albano Abilio d'Andrade, estabelecido na praça de D. Pedro, repetiu esta preparação conseguindo bons resultados, indo-lhe no encalço José Caetano de Carvalho, com botica no Murinho de S. Domingos e assim se iniciou em Portugal o fabrico das *velinhas de gelatina* fabricadas com marfim e cavalo marinho. (1)

Em 4 de janeiro de 1845 o boticario Pedro Ferreira Norberto ofereceu á S. das S. M. de L. umas velinhas e algalias de gelatina crua, que dizia serem da sua invenção e sobre as quaes uma commissão composta por José Maria Grande, Antonio Joaquim José Ferreira da Silva e José Eduardo Magalhães Coutinho, deu parecer favoravel, declarando que as velas ganhavam a precisa flexibilidade depois de mergulhadas em agua quente, eram perfeitamente elasticas, lisas e polidas, dilatando-se bastante (às vezes até ao duplo) depois d'introduzidas na uretra, voltando

(1) *Gazeta Medica do Porto* de 1845, pag. 385 e 497.

depois ao seu calibre primitivo, que nos casos d'aperto d'uretra, traziam marcado a impressão d'este, permitindo avaliar da sua situação; grandesa e forma. Como do Porto protestassem reivindicando a prioridade da invenção para Albano Abilio Andrade, a redacção do *J. da S. das S. M. de L.* declarou que só em agosto do mesmo anno, isto é, sete meses depois de Ferreira Norberto, aquele publicára o seu anuncio. (1)

No anno seguinte Albano Abilio d'Andrade veiu declarar (2) que a sua preparação das velinhas de gelatina datava de 1844, anno em que o professor Antonio Bernardino d'Almeida as ensaiára na sua clinica hospitalar e depois de muitas considerações sobre o seu uso, termina pelas seguintes conclusões:

As velinhas é algalias gelatinosas podem conseguir-se sempre perfeitamente cylindricas.

«Podem conseguir-se sempre perfeitamente polidas e lustrosas.

«Se achatarem depois de servidas, podem tornar-se perfeitamente cylindricas, sem as desgastar.

«Ainda depois de servidas podem tornar-se perfeitamente polidas e lustrosas.

«As velinhas servidas, sendo de novo preparadas são quanto á sua perfeição indistinguiveis das novas.

As velinhas gelatinosas são por suas vantagens preferiveis a todas as outras dilatantes até aqui conhecidas.

«As algalias gelatinosas sendo assaz ataca-

(1) *J. da S. das S. M. de L.* t. XXII, pag. 193 e 341.

(2) *Revista Medica de Lisboa* de 1846, pag. 201.

das pela urina, são menos duráveis e menos vantajosas que as de gomma elastica.» (1)

Merecêr registó as observações seguintes colhidas nos hospitaes militares pelos respectivos clinicos que demonstraram grande empenho em illustrar-se e progredir:

Testiculo urinoso e abscedado, sem ter havido syphilis, curado pelo Protoiodureto de mercurio pelo cirurgião J. P. de Almeida. (2)

Os bubões venereos tratados por meio dos vesicatorios. (3)

Hydrocele com inguergitamento do testiculo, curado radicalmente pelo iode por M. J. da Rocha. (4)

Dois casos de hematuria por J. M. N. dos Reis. (4)

Mortificação do escroto e castração por J. A. Marques. (6)

Considerações praticas sobre o fungo do testiculo, com duas observações da mesma doença. (7)

(1) Dellas diz: «Se se tenta introduzil-as secas ou quasi secas, tem o doente de sofrer por perto de duas horas, a insuportavel vontade d'ourinar, á espera que ellas dilatando-se, encham todo o canal da uretra, obstando já deste modo ao pronto alivio, a que desde logo se prestam as de goma elastica; se se tenta introduzil-as dilatadas, tem ainda o doente que esperar que na agua se dilatem, depois tornadas demasiadamente moles, é impossivel a sua introdução sem estilete, e com elle é ainda mais difficullosa do que nas de goma elastica».

(2) *Jornal dos Facultativos Militares* de 1843, pag. 146.

(3) *Ibidem*, 1844, pag. 338.

(4) *Ibidem*, pag. 344.

(5) *Ibidem*, 1845, pag. 2.

(6) *Ibidem*, pag. 33.

(7) *Ibidem*, 1846, pag. 241.

Caso de imperfuração da vagina, curado pela operação pelo dr. F. S. Castello Branco. (1)

Apertos de uretra; cystite chronica. Cura d'esta na presença do emprego das pilulas do dr. Trousseau, diminuição d'aquelles em resultado da compressão feita na uretra pelo uso aturado de velinhas. (2)

Hydrocele, cura pela injeccão de vinho do Porto. (3)

O interesse que na epocha havia no estudo da urologia manifesta-se tambem pelo numero das theses dos alumnos que d'ella se occuparam. Está n'esses casos a seguinte:

These sobre o Hydrocele apresentada na Escola Regia de Cirurgia de Lisboa, para ser defendida por Bento Antonio Alves. In 4.º de 32 pags. s. d.

Depois de tratar da anatomia da região, estuda os sintomas e as diferentes variedades do hydrocele, reservando a maior parte do seu escrito para o estudo do tratamento, que divide em paliativo e curativo, descrevendo o primeiro feito pela punção com agulha ou lanceta e considerando no segundo os diferentes processos do vesicatorio, incisão e excisão, cauterisação, sedenho e finalmente da punção feita pelo trocarte com canula, seguida de injeccão, para a qual reprova a potassa e o sublimado corrosivo, preconizando o soluto de sulfato de zinco ou o vinho do Porto. A injeccão deve demorar-se quatro ou cinco minutos e repetir-se segunda vez. Não se devem empregar emolientes, senão depois de quatro dias, quando a reacção inflammatoria é muito intensa e dolorosa.

(1) Ibidem, pag. 280.

(2) Ibidem, 1848, pag. 20.

(3) Ibidem, pag. 82.

Devem tambem registrar-se as seguintes theses todas da Escola de Lisboa:

Sobre a Operação do Sarcocoele por Manoel Lopes da Silva Rosado — 1830.

Paralelo entre os differentes methodos de praticar a cystotomia no homem por Caetano Felix de Almeida — 1839.

Algumas considerações sobre o Bubão Venereo por Carlos Augusto Schiappa Pietra — 1843.

Algumas considerações sobre a Cystite Catarrhal aguda por Herculano de Sá Correia — 1843.

Sobre o Orchiocoele e suas diversas especies e o valor therapeutico da Orchotomia por José Quirino Thaddeo d'Almeida — 1844. Contém trez observações, havendo em dois casos castração, seguida de cura.

Historia da Phimose e tratamento que lhe convém por José Maria Barroso — 1845.

Affecção calculosa do aparelho urinario por Joaquim Pedro Gonçalves Carneiro — 1846.

Sobre o Bubão venereo por Henrique Leopoldo Lopes de Guibara — 1850.

Sobre os apertos da uretra por José Antonio de Almeida — 1850.

Um dos methodos da operação da talha por Antonio Francisco da Gama Lobo Pinto — 1850.

O cirurgião João Ferreira da Silva Oliveira publicou uma nota sobre o tratamento radical do hydrocele, que adoptava na sua clinica e que consistia na punção, seguida da injectão da mistura de tintura d'iodo e agua em partes eguaes e n'outra noticia louva a pomada d'extracto de beladona para facilitar a redução manual da parafimose. Sobre o tratamento das blenorragias opina que só se

deve lançar mão da copaiba depois de passado o periodo agudo da doença. (1)

São dignas de leitura as seguintes observações:

Destruição completa das partes pudendas, interessando os órgãos genito-urinarios, utero e recto por J. A. Moura. (2)

Operação de talha lateralizada n'um velho de setenta annos, cura (noticia) por José Rodrigues Barbosa, cirurgião em Lamego. (3)

Calculos vesicaes. Cystotomia. Cura por Alves Passos, clinico em Cabreiros. (4)

José Maria Desiderio Pacheco publicou nota de fistulas urinarias e d'um sarcocele, tratadas no Hospital de Elvas. (5)

José das Dôres Sequeira Rovisco referiu um caso de aperto d'uretra tratado pelo alumen e outro de hydrocele curado pela injeção de vinho. (6)

E' muito curiosa a *Observação de hum caso de retenções d'ourina, causadas por hum vegetação fungosa e apertos d'urethra, durante o espaço de tres annos — cura completa por meio da cauterisação*, publicada por Vicente José Ferreira. (7)

O eximio operador Antonio Bernardino de Almeida na clinica cirurgica da escola do Porto, de 1848 a 1850 realisou cinco operações de talha hipogastica. (8)

(1) *Gazeta Medica do Porto*, 1843, pag. 175, 188 e 286.

(2) *Gazeta Medica do Porto* de 1844 pag. 441.

(3) *Ibidem*, 1849, pag. 48.

(4) *Ibidem*, pag. 291.

(5) *J. da S. das S. M. de L.* t. XX, pag. 2 e 14.

(6) *Ibidem*, pag. 90.

(7) *Ibidem*, t. XXIV, pag. 239.

(8) *Historia do Ensino Medico no Porto* por Maximiano Lemos, pag. 116 e *Gazeta Medica do Porto*.

O cirurgião Manoel José da Rocha, clínico em Portalegre publicou (1) muitas observações de casos medicos e chirurgicos, entre os quaes ha varios de infiltração urinosa com abcessos e um de abcesso da próstata n'um calculoso, e o d'um hydrocele operado com injeção de tintura d'iodo.

Em 27 de março de 1850 operou Ribeiro Vianna no Hospital de S. José um homem de talha lateralizada pelo processo de Hawkins, operação em que foi ajudado por Joaquim Teotonio da Silva e pelo cirurgião Barral. Foi muito trabalhosa a operação, conseguindo-se extrair dois grandes calculos, um dos quaes tinha duas polegadas no seu maior diametro. O doente morreu de peritonite. (2)

Para o concurso que se fez na Escola de Lisboa em 1856 foi dado o seguinte thema — *Tratamento operatorio dos apertos organicos da uretra. Qual é o preferivel?*

Na these que existe ms. na Biblioteca da Faculdade de Medicina de Lisboa, de José Galdino Carvalho da Silva, depois de descrever os aparelhos de Ducamp e de Lallemand para a cauterisação, define-se o processo e o aparelho de Reybard para a uretrotomia interna.

A these de José Bernardino Henriques Teixeira nada tem de notavel.

No trabalho de Joaquim Teotonio da Silva, que tambem ficou ms. diz-se que as velas de pano encerado, barbas de baleia e pergaminho eram pouco usadas em Portugal, podendo dizer-se o mesmo das de gelatina; as de corda de tripa eram muito emprega-

(1) *Cirurgia e Medicina* — Lisboa, 1853.

(2) A noticia d'este caso foi publicada por Francisco Alberto d'Oliveira no *Jornal de Medicina e Sciencias Acessorias* de 1850, pag. 188.

das e depois as elasticas de goma e as d'estanho. Refere ter empregado com muito bom resultado a chloroformisação n'um doente com um aperto antigo da uretra, tão intenso que não era possível a passagem da algália nem a da urina, sendo depois da anestesia realisavel a introdução d'aquella na bexiga. Diz mais que a cauterisação era nos ultimos tempos muito pouco empregada em Portugal.

*
* *
*

Encerro aqui esta Historia, no limiar da segunda metade do seculo XIX, em que os discipulos e continuadores do grande mestre José Lourenço da Luz, elevaram tão alto a cirurgia portuguesa.